



# MULHERES DAS ÁGUAS II

Organização  
Nágila Oliveira dos Santos

# **MULHERES DAS ÁGUAS II**

ANTOLOGIA DE CONTOS, CRÔNICAS E POEMAS

## Mulheres das Águas II



COLEÇÃO TERRITÓRIOS LITERÁRIOS

Organização

Nágila Oliveira dos Santos

# MULHERES DAS ÁGUAS II

COLETÂNEA DE CONTOS, CRÔNICAS E POEMAS

revista **africana**  
de literatura e artes

Quissamã – 2022

## Mulheres das Águas II

### Mulheres das Águas II: coletânea de contos, crônicas e poemas

Copyright © 2022 Revista África e Africanidades

Todos os direitos reservados a editora Revista África e Africanidades e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

**Direção Editorial:** Nágila Oliveira dos Santos

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Nágila Oliveira dos Santos

**Revisão:** Leandro Rodrigues do Nascimento da Silva

**Ilustração:** Imagem entre títulos de Freepik.com

**Capa:** André Luiz dos Santos Silva

**Foto da capa:** Iaranik | De iStock. (Zanzibar, Tanzânia – 23 nov. 2012: Mulheres com roupas coloridas pescando em águas rasas. Elas estão carregando suas panelas, com as quais pescam pequenos peixes em sua rede. Depois de algumas horas, elas levam para casa apenas uma panela cheia de peixes.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M956

Mulheres das Águas II: coletânea de contos, crônicas e poemas  
/ Organização : Nágila Oliveira dos Santos. Quissamã: Revista  
África e Africanidades, 2022. 99 p. (Coleção Territórios  
Literários, v. 3)

ISBN: 978-65-995828-7-5

Literatura Brasileira 2. Coletânea 3. Literatura Negro-Brasileira  
CDD B869.8

André Luiz dos Santos Silva – Bibliotecário – CRB-7/7045.

Editora Revista África e Africanidades

Rua Ângelo Silva n. 288 casa 01 - Alto Alegre – Quissamã  
RJ/ CEP: 28.735-000

E-mail: [editora@africaeaficanidades.com.br](mailto:editora@africaeaficanidades.com.br)

[www.africaeaficanidades.com.br](http://www.africaeaficanidades.com.br)



# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	<b>7</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>PARTE I – MERGULHOS NA POESIA</b> .....	<b>15</b>
<b>ANDRÉIA SILVA</b> .....	<b>17</b>
Água em copo de lírio .....	17
Águas .....	20
<b>BENEDITA LOPES</b> .....	<b>21</b>
Nosso remanso.....	21
Os cantos d’as águas.....	22
<b>DILMA BARROZO</b> .....	<b>23</b>
Alforria.....	23
Em verso e reverso.....	24
<b>ESMERALDA RIBEIRO</b> .....	<b>25</b>
A descoberta .....	25
<b>IRACI GONÇALVES DE SOUZA</b> .....	<b>27</b>
Poder da mulher.....	27
<b>LILIA MANHÃES</b> .....	<b>28</b>
<b>MARCINHA COSTA</b> .....	<b>30</b>
Receita da calmaria, gratidão e revolução.....	30
<b>RAQUEL DE CASTRO</b> .....	<b>31</b>
Mulher como água.....	31
Mães marítimas.....	32
Descem lágrimas.....	33
<b>SOLANGE SANTANA</b> .....	<b>34</b>
Banho .....	34
O mar em mim.....	36
<b>THAIS ALESSANDRA</b> .....	<b>38</b>
Águas que transpiram dos nossos corpos ancestrais.....	38
<b>VALÉRIA BARBOSA DA SILVA</b> .....	<b>39</b>
Encontro das águas .....	39

## Mulheres das Águas II

Mãe do ori do mundo.....	41
Mulher das águas .....	42
Oxum Apará .....	43
<b>PARTE II- MERGULHOS NOS CONTOS E CRÔNICAS .....</b>	<b>45</b>
<b>ANA CÉLIA DA SILVA .....</b>	<b>47</b>
Uma mulher pequena .....	47
<b>ANA PAULA REIS DA CONCEIÇÃO VASCONCELOS .....</b>	<b>51</b>
Águas do meu pai Jacy .....	51
<b>ANA VIRGÍNIA PINHEIRO .....</b>	<b>54</b>
A bruxa das águas .....	54
<b>AUGUSTA SANTO.....</b>	<b>57</b>
Menina dos olhos de Apolo .....	57
<b>CHRIS JONES.....</b>	<b>60</b>
Nossa vó, minha vó.....	60
<b>DILMA BARROZO.....</b>	<b>62</b>
De águas, pontes e vida.....	62
<b>FÁTIMA SOARES .....</b>	<b>64</b>
Cidade água, vidas quase secas.....	64
<b>IVONETE PEREIRA TAVARES .....</b>	<b>67</b>
Eva, mulher do mar .....	67
<b>NAGILA OLIVEIRA DOS SANTOS .....</b>	<b>69</b>
Meu rebento atravessou o orun.....	69
Batismo .....	71
<b>PITUKA NIROBE.....</b>	<b>75</b>
As flores, Quirino!.....	75
<b>ROZANA NASCIMENTO .....</b>	<b>79</b>
Azul da cor do céu .....	79
<b>VIVIANE PENHA.....</b>	<b>82</b>
O grito de uma mãe preta num dia de conselho de classe.....	82
<b>SOBRE AS AUTORAS .....</b>	<b>87</b>





## PREFÁCIO

### **Mergulhando e resistindo com as Mulheres das Águas: quando o fluir e o contornar é percurso de afeto, reflexão e atravessamentos!**

Ser água é condição inerente a alma de todas as mulheres. Basta observarmos e logo veremos a autoafirmação: “Sou a água correnteza em liberdade talhando caminhos, lapido minha existência em correntezas para alcançar o remanso”. Por isso mesmo, mergulhar com elas, além de privilégio e desafio, é um ato incontestável de reconhecimento a sua ilimitada sabedoria, sobretudo, no ato de saber fluir e contornar os obstáculos da vida, e quando necessário, desaguar em suas memórias de labutas, dores, cantos, (re)encontros, atravessamentos e (re)encantos.

Assim, antes de qualquer coisa, o *Mulheres das Águas II*, representa a sequência do belíssimo fluir mulher iniciado no *Mulheres das Águas I*. É um pacto de mãos que, em conchas laboriosas, unem as águas da vida para banhar o rosto, o corpo e para, no mesmo fluir de tais águas, costurar os tempos (passado/presente), como quem deseja (re)desenhar o futuro com mais limpidez e justiça. Este segundo rebento é fruto do mergulho escolha da organizadora, daquela que, em sua notável sensibilidade, soube identificar a multiplicidade de fluências e confluências humanas literárias, presentes nas narrativas e poéticas a ser entregue ao público leitor.

Ao realizar o mergulho de nº 1, nas águas poéticas, vê-se, dentre outras coisas: “A água em copo de lírio”, essa fonte de

água que lapida a alma em seu entornar e saciar como a poesia, apresenta a mulher como sua própria guardiã. Aquela que aciona sua “memória d’água” para reverenciar os afetos guardados nas memórias de sua nordestinidade. Já o “nosso remanso”, ele representa o empoderamento feminino fruto da consciência e da junção das águas. É “o canto das águas” quem sacia e alimenta por meio da labuta respeitosa com as águas. A “alforria” faz-se chamamento para libertação pelas mãos ancestrais. E assim, “em verso e reverso” têm-se um espaço de afirmações nas quais as forças individuais são coletivizadas pela potência das palavras. E “a descoberta” do tão necessário e libertador autoamor feminino, vence as adversidades e se faz conscientemente alforriado de tudo, até de si mesmo. De modo que o “poder da mulher” volta a mostrar-se com faces de empoderamento.

É preciso que se diga que o fracasso é o preço pago por quem “aponta o dedo” para uma filha da ‘Rainha do Mar’, isto por cometer o crime da definição e do julgamento apressados, endereçados antes mesmo dela se autodefinir. Mas, como “lugar de mulher é na cozinha”, para acalmar os ânimos desavisados, há que se ter uma poderosa “receita da calma, gratidão e revolução”, 100% orientada pelas mãos amorosas de Oxum, a ser oferecida, não a qualquer um(a), mas a quem, de fato, sabe valorizar esse Orixá. Pois, “mulher como água” é também fonte de fluência e afluência, onde as “mães marítimas” mostram suas faces de mãe Maria/Iemanjá em uma entrega generosa de amor e bondade, delas que, atentamente, zelam e cuidam daquelas das quais, também, “descem lágrimas” que desembocam no mar da vida.

Na hora do “banho”, é dentro desta água acolhedora que as folhas, também sagradas, são alegremente, maceradas, para que se cumpra o tão merecido, renascimento do fluxo vital. No entanto, é em “o mar em mim” que se encontra a resposta sobre o que vem a ser o mar. Sobre esse mesmo mar que se

## Mulheres das Águas II

apresenta como fluxo interno tanto de perdas, quanto de encontros. É, justamente, nas “águas que transpiram dos nossos corpos ancestrais” onde, simultaneamente, habitam e se constata, as representações das dores de outrora, em uma transpiração de um corpo ancestral que faz questão de dizer: “\_Hei, Casa Grande, eu sei o que vocês fizeram outrora e continuam a fazer conosco”, e não adianta tentar esconder.

E assim, é no “encontro das águas”, da chuva, do rio e do mar, que temos uma metáfora à vida, a voz materializada da dor que ao final de tudo, é transmutada em algo belo e venturoso. É o espaço do apogeu onde a “mãe do ori do mundo” é coroada como aquela que rege e guia as cabeças de seus filhos mundo a fora. É no “mulher das águas” que se tem as autoafirmações de quem sabe a potência que possuem aqueles que vivem das ou nas águas. E para consagrar a soberania feminina das/nas águas, juntam-se os ecos vozes gargantas, em um só canto louvação, onde “oxum apará” é quem é, merecidamente, reconhecida como a “fonte de água clara”, ou ainda, como a amorosa “mãe das águas doces”, sempre a acolher, de braços abertos, os desvalidos do mundo.

No entanto, ao realizar o mergulho de nº 2, nas prosas, ora verossímeis, ora poéticas, as águas marcam lugar de recordação e (re)ativação de memórias, onde a presença “Afro/Indo/Lusa”; marca a mistura das raças e a intersecção das vidas, e expõem os rastros de sua presença passagem nas escrevintes histórias dos sujeitos de ontem e de hoje (Uma mulher pequena). Vê-se, também, espaços denunciadores dos *apartheid* social/racial, onde os personagens, resistentes e sonhadamente, contrariam a lógica preconceituosa e racista e conquistam seu lugar ao sol (Águas do meu pai Jacy).

Daqui, da perspectiva laboriosa das águas, aquela que era “quase da família” fidalga é, em realidade, a “Velha Sábica” munida de conhecimentos ancestrais, que se disfarça de lavadeira, enquanto povoa as vidas alheias e o mundo de

saberes compartilhados em narrativas que afloram em seu trajeto de lavar, quorar, enxaguar e passar (A bruxa das águas). E a manifestação de um afeto ficcionalmente gestado entre a encantadora mulher negra e a natureza (o sol), fez do banzo ocasionado pelo distanciamento daquilo que nos é importante, característico da pós-modernidade, um belíssimo idílio amoroso, antirracista, abençoado e, acima de tudo, idealizado, direcionado e acolhido pelo colo da ancestralidade (Menina dos olhos de Apolo).

Lembremo-nos de que, Elas (as águas), são também as que, respeitosamente, enaltecem o valor dos mais velhos, e expõem a saudade do afeto “avóternal” (Nossa vó, minha vó). É, mais uma vez, por meio do banho, enquanto encontro entre as águas doces (da chuva) e salgadas (do mar), que acontece a mais bela louvação à vida (De águas, pontes e vida). Nelas as lavadeiras se autoanunciam. Não ter água potável para consumir representa, dentre outras coisas, a manipulação do poder e a separação das classes. Denunciam a corrupção, desmascaram os “podres poderes”. E ao apresentarem os modos da utilização das águas, na complexidade de suas vivências cotidianas, arrancam as águas humanas a banhar a face leitora (Cidade água, vidas quase secas).

Com suas vozes águas, nem tão diferente da de outrora, para além da pecha de “pecadora e desvirtuadora do masculino”, a “Eva” ora em questão segue sendo, não apenas a “desobediente e louca”, mas a possuidora da missão de guardiã e transmissora da tradição (Eva, Mulher do Mar). É no eclodir das águas que acontece o anúncio da chegada da vida ao mundo, não de qualquer modo, mas pelas mãos da futura médica, mulher negra, a contrariar, novamente, as expectativas sociais brancas (Meu rebento atravessou o orun). Notadamente, é pelas vozes águas, que se denunciam a violenta desumanidade presente na intolerância religiosa, frequentemente praticada por aqueles que, em nome da

## Mulheres das Águas II

liberdade forjada do ‘seu deus’, tenta arrancar dos descendentes e filh@s da África, o direito a legitimação das manifestações religiosas e culturais, que lhes são próprias, e que lhes fortalecem em um sentimento uníssono com os seus. Nesse fluir, os tambores e os ecos da ciranda das águas mulheres, restituem o poder ancestral e devolvem ao povo de Axé, a consciência de que as águas são, antes de tudo, fonte de purificação e libertação, jamais de sujeição e enclausuramento (Batismo).

Para quem aprendeu a perceber o poder que há na força do sentir, o mar é o espaço de beleza e mistério, onde a “Rainha do Mar - Yemanjá”, sem que se peça, prova aos humanos que creem no invisível, que o mar, de mãos dadas as divindades e orixás, faz-se o espaço de encontros, inclusive, de um amor inesperado (As flores Quirino). Por tanto, o mar como aquele que entrega, toma e devolve, é para as marisqueiras fonte de retirada dos frutos da sobrevivência, o reaquecimento de seu coração, pelas memórias afetivas restituídas, e a restituição da esperança em dias melhores (Azul da cor do céu).

E assim, o mar como representação maior do encontro das águas, que se acredita ser espaço da mais fina democracia, por aqui, se apresenta como espaço diaspórico e de desmascaramento da demarcação racial onde a territorialidade dos corpos segue sendo fratura social exposta (O grito de uma mãe preta num dia de Conselho de classe). Logo, o *Mulheres das Águas II* faz-se corredeira universal, um afluente luminoso, doidinho para desaguar nas mãos leitoras que, ansiosamente, desejar acolhê-la, recebê-la e interpretá-la como símbolo multifacetado das representações das águas.

Por fim, o fato é que somos todas “fonte de água viva”, e por isso mesmo, aqui, nas *Mulheres das Águas II*, as águas/palavras, brincam de abre alas, no sambódromo da vida, para fazer passar as rainhas das águas (Yemanjá/Oxum Apará ...), as mulheres que são todas “águas-vivas”, e que em suas

peculiaridades, mistérios, gestos e presenças, crenças, experiências e efervescências de afetos diluídos, cumprem a função de nutrir e saciar, as multifacetadas fomes e sedes do mundo.

Agora, que já sabemos a força, o poder e o encanto que os atravessamentos ocasionados pelas águas possuem, que “O mar só não tem espaço para a sujeira e o lixo que o racismo produz”, e que o antirracismo é missão de todos, resta-nos, tão somente, fechar os olhos, sentir a brisa na face e, sem demora, entregarmo-nos a força e ao fascínio das *Mulheres das Águas II*; o mergulho é garantido e a satisfação, também!

**EDY JUSTINO**

*Professora e Escritora Paraibana.*

## APRESENTAÇÃO

**Mulheres das Águas 2: antologia de contos, crônicas e poemas** é o terceiro livro da **Coleção Territórios Literários**, da editora **Revista África e Africanidades**. Reúne escritoras e escritores de diversos estados brasileiros, com diferentes trajetórias e estilos em torno de personagens e vivências femininas, nas quais, as águas doces ou salgadas são apresentadas enquanto territórios de ancestralidades, identidades, memórias, religiosidades, liberdades, resistências, sobrevivências e afetividades.

As palavras-resistências misturam-se com as águas-memórias, águas-identidades e águas-denúncias e se manifestam como a riqueza e beleza dos pântanos e mangues da Nanã, segredando vidas e celebrando a sabedoria de nossas ancestrais.

As palavras-levantes se misturam com as águas-revoltas de lemanjá e com as águas-vigor das cachoeiras, rios e igarapés de Oxum.

As palavras-afetos trazem os cheiros das memórias e das saudades que nos chegam pelas narrativas com brisas litorâneas, banhos sagrados e terra molhada depois das chuvas. Trazem os afagos das infâncias pelo abraçar das águas dos rios e das águas de cheiro.

As palavras-caminho se misturam com as águas-possibilidades, águas-conquistas e águas-blumas de Euá.

Assim, **Mulheres das Águas 2: antologia de contos, crônicas e poemas** traz para o universo da literatura personagens/vivências/cosmopercepções que celebram/denunciam o

cotidiano de mulheres nos espaços rurais e urbanos brasileiros, e que a partir de uma literatura outra, permite-nos criar outros olhares e relações com o próprio fazer literário bem como (re) construir e (re) significar identidades.

**NÁGILA OLIVEIRA DOS SANTOS**

*Escritora, professora e pesquisadora decolonial.*



Mulheres das Águas II

**PARTE I**

# **MERGULHOS NA POESIA**



**ANDRÉIA SILVA**



## Água em copo de lírio

A Lua derrama sua Luz de cheia  
As águas que envolvem e embalam  
O meu corpo  
Bebem dessa Luz

Quero a liquidez da água que contorna e  
Lapida persistentemente...  
Os gênios mais duros,  
Os temperamentos de pedra

Também viro pedra muitas vezes  
Bruta!  
Porque sou eu minha própria guardiã

Preciso ser lapidada pelas águas  
Dos carinhos e dos cuidados óbvios,  
Das palavras ternas

E no frescor de tais Águas  
Entornar  
Incontida  
Águas, ainda revoltas, cantam!

A poesia que se desenha na minha retina  
Lapida e preenche vazios  
É a lâmina que rasga e enfeita meus dias  
Descortina, alivia e ilumina

Feito água em copo de Lírio  
Sede de vida no cio.  
Abro a boca e me sacio!

## Memória d'água

Moringa ou copo de alumínio?  
Qual você tem na sua memória?  
Pergunta a bela poetisa agora

A memória busca longe  
Vai lá na morada da minha infância  
A matéria prima encontrada não é barro  
É casca madura e seca

Tem água fresca na cabaça  
E cabaça na memória da existência  
Trazendo a sombra do cafezal  
O chão forrado de lona  
Para recolher o vermelho grão

Quando a garganta seca  
A água que socorre a sede

Escorre da cabaça de abóbora d'água  
Rolhada com palha ou sabugo de milho  
Alimento e utensílio  
Se fazem daquele fruto!

A água dessa memória saciou minha sede hoje

Como sempre as águas...  
Doces águas...  
Louvo-as!  
Bebo-as!

## Águas

Águas fartas ofereceu

A solidão que me habitava  
Cada gota absorveu

Solidão fertilizou  
Essência aflorou

A mulher recém-chegada  
Se viu naquelas águas  
Sentiu-se desejada

As águas?

As águas apenas faziam o que era de sua natureza  
Sem se importarem com o rumo da correnteza  
Nem com suas profundezas

Algumas vezes desejou jorrar  
Desejou ser mar  
Mas não deixou a onda arrebatá-la

A Mulher?  
Segue buscando o mar  
Mergulho raso  
Não contempla alma profunda.

## **BENEDITA LOPES**

### **Nosso remanso**



Sou a água correnteza em liberdade talhando caminhos, lapido minha existência em correntezas para alcançar o remanso. Peço não mergulhe em mim, quando sou oferenda àquele que me criou, esta é a hora dialogar com o tempo livre, rei do conhecimento. Renascida de mim, sigo a braveza do vento com as rédeas nas mãos, com unhas afiadas arranco das profundezas os perigos que ofereço a mim mesmas, aprendi com isso, a me desviar dos conflitos alheios. Contudo não se engane, sei que sou plural para ser única, e também, da lógica de não andar só. E sei o quanto os tiros em Marielle, Ágatha, Jeneffer, Claudia, Anderson, Evaldo, Kauã ... me aniquilam também. Por isso, luto eu e você conjugando a primeira pessoa do plural, porque eu, água correnteza, carrego você comigo a preparar caminhos de libertação. Nosso remanso.

## Os cantos d'as águas

Para ter alimento é necessário que as águas caiam do céu, A terra precisa de paz para que as pás trabalhem nela. A terra é corpo feminino, tem ventre gerador, carecem de ser umidificada, a terra se encontra com céu através da água que dela ele suga e depois á a carecia com chuva para purificá-la e permanecê-la sagrada aos homens. É por causa da água que nascemos, e por causa da água que vivemos. Mamãe dizia isso, quando eu menina de pouca idade, deitada em um cesto de vime a observava, lavar as roupas. Estas palavras funcionavam como cantiga de ninar eu adormecia e sonhava que o ventre era uma cabaça cheia d'água onde eu nadava até ter vontade de sair, acordava esquecida do sonho e com uma lembrança vaga das palavras maternas. No entanto, olhava a água com respeito, e trago em mim até hoje a magia das palavras com que minha mãe me ensinou do sagrado líquido da vida. Hoje com este clima seco, bebo águas aos goles para sentir o seu gosto sagrado, e sinto falta das chuvas miúdas matando a sede da terra, e repito silenciosamente cada palavras prece, clamando para chuva encher o rio, o mar e banhar alimentando a terra de vigor. E ouço com saudade mamãe a dizer; “As águas têm seus cantos: ora biquinha ora lago ora riacho ora rio ora cachoeira até chegar a ser mar”.



**DILMA BARROSO**

**Alforria**



há vozes dentro de águas gritando teu nome  
há vozes nos rios fontes mares e cachoeiras  
há raios e trovões ribombando em nossos ouvidos...são  
memórias das ancestrais  
que nos habitam e nos levam  
a reverenciar quem nos chama.  
são vozes que correm nos ventos e chamam  
nas verdes matas incansavelmente  
clamando por quem as possa ouvir...  
e você, mulher, pode!  
há vozes sob as pedras em que pisamos  
resolutas e com pés descalços  
elas gemem em ânsia da vida devida  
você olha as árvores antigas o céu  
vê as montanhas impassíveis à procura  
há vozes na boca das rosas,  
há vozes na roça cantando teu nome...  
e as ondas que batem nas praias  
exaustivamente gritam por alforria.  
teus olhos pensam na paz que um dia...  
Oxalá, há de chegar.  
há vozes no teu caminhar no teu sono  
e teu pensamento, mas um relâmpago risca  
a ferro e fogo a tua existência...

## Em verso e reverso

sou mulher das águas sim dessa que penetra em fendas cavadas  
ou de ocasião através das quais atinge almas  
e corações, sou mulher das águas sim segura seguindo  
caminhos e cursos traçados por outras  
da mesma linhagem pura, filha da rainha e da senhora  
das águas doces e salgadas  
da que se desfaz em risos e lágrimas  
e asperge águas bentas em flores e gente  
se lança em rios mares se joga em cachoeiras  
em busca de águas em que possa se banhar  
em verso e reverso sou mulher das águas sim  
daquela que é remanso ou turbulência  
a bater contra o rochedo ou seguir eternamente  
na missão de buscar trazer e levar histórias  
conhecimentos e emoções que repassa  
ao longo do percurso sou mulher das águas sim  
que aprendeu a romper barreiras e mudar rotas  
que aprendeu consigo mesma  
e com as de antes o poder de ser mulher  
o poder de ser água, nela se transformar  
e seguir sempre em frente pela vida  
curando alimentando ensinando fertilizando  
sou mulher das águas sim, canoeira do barco  
da minha vida e de tantas outras que seguem comigo  
na ânsia de encontrar e desvendar os mais puros  
e verdadeiros enigmas dessa vida  
que tão corajosamente enfrentamos

## ESMERALDA RIBEIRO

### A descoberta

Acordei hoje com uma sensação boa  
Tem a ver comigo, como pessoa  
Lavei as mágoas  
Só vontade de me amar  
Praticar o que me deixa feliz  
Cortei o mal pela raiz  
Agora vou cuidar de mim  
Quando tiver que dividir o amor  
Será em partes iguais  
O passado agora passou  
Deixei de me comparar  
Vou me valorizar  
Não quero que essa vontade passe  
Que seja sempre um sintoma bom  
Que essa descoberta seja douradora  
Quero aprender a me aceitar  
Quero aprender a me perdoar  
Se fui ingênua ou tola isso já passou  
Vou praticar o amor dentro de mim  
Sem me desequilibrar  
Nada de muito amor  
Para os outros  
E pouco para mim  
Que vontade infinita de me amar  
Até estou aprendendo a costurar  
Meus sentimentos  
Se tiver conserto, tudo bem



Ou então vou remendar os fragmentos  
Não preciso mostrar ao mundo  
Não preciso postar em nenhuma  
Rede social  
A costura ou remendo  
Dos meus sentimentos  
Só mostrarei para mim  
Se quiserem saber da  
Minha vida  
É só olhar nos meus olhos  
Ou ouvir o som da minha voz  
Com certeza verá  
A potência em que me transformei  
Quem quiser me amar  
Me ame  
Quem não quiser  
Também pode seguir em frente  
Existem mãos a nos ajudar  
Mas, na vida, devemos contar  
Com nós mesmos  
Só contar com nós mesmas  
Aprendi até a conjugar o amor  
no singular.

**IRACI GONÇALVES DE  
SOUZA**



**Poder da mulher**

Universo a favor  
Propagar com paixão  
Candura do amor.

## LILIA MANHÃES

aponta o dedo  
que ela abaixa a cabeça  
pode rir sem fazer cerimônia  
faz piada de cada parte que balança  
e ela que desvie da depressão



se me definem antes mesmo  
de eu saber quem sou  
e ainda assim se decepcionam  
quem de nós não se conhece?

ora,  
se quando conversei com Deus  
e pedi por vezes que me tornasse quem vocês queriam que eu  
fosse  
e ainda assim continuo aqui,  
preta,  
quem de nós nasceu errado?

cês até que tentaram  
me devolver pro mar antes da hora  
mas mãe d'água me trouxe de volta  
pra que eu pudesse dizer:  
fracassaram!

você?  
faça-me o não favor:  
não olha torto  
não fala raso  
não ri de lado

## Mulheres das Águas II

não ouse levantar a mão  
e cuidado com o susto  
eu nunca disse que andava só

coloca palma  
coloca calma  
coloca sal, samba, balanço e espuma  
se veste bonito  
e espera sem pressa  
que quem tá chegando é ela  
filha da rainha do mar

## MARCINHA COSTA



### Receita da calmaria, gratidão e revolução

**Ingredientes necessários:** Calma, Força, Alma, Autoamor e Águas de Oxum

**Modo de preparo:**

Misture as águas de Oxum com a calma e a força até que forme uma mistura homogênea. Em seguida, acrescente a sua alma e o autoamor de mulher preta. Deixe descansar por um tempo, mas não deixe desandar. Sirva juntamente com a revolução. Sirva à vontade, mas não ofereça a todos, somente àqueles abertos a receita dos nossos antepassados. A comida ancestral não pode ser oferecida a qualquer um. Que seja servida, de preferência, às mulheres das águas, filhas de Oxum.



## **RAQUEL DE CASTRO**

### **Mulher como água**



Mulher flui como água  
Sinuosa no mundo  
Faz o caminho  
Ser profundo

Reflete pensamento  
Em ação cristalina  
Translúcida face  
Espelho de luz

Do chão ao céu,  
Correm águas para o mundo  
Mulher navega a existência  
De ver-se, de ser-se, de ter-se

## Mães marítimas

Mães marítimas,  
Maria e Iemanjá  
Águas originais  
Da placenta ao mundo

Oceanos nos olhos  
Que chegam ao mais distante  
Recôndito de cada um  
Onde desaguam águas da vida  
Rios de ternura,  
De coragem da existência,  
De passar pelas pedras  
A atitude de pronta entrega

## Descem lágrimas

Cachoeira desce água  
Descem lágrimas  
Dor que desatina  
Dilacera corpo

Sal da vida no mar  
Corpo exala suor  
Força do trabalho  
Expelido na pele

Jorra água onde se banha  
Ao ver do alto o que cai  
Espera-se menor impacto  
Da força da natureza

## SOLANGE SANTANA



### Banho

Com o sol a raiar  
desperto  
para a vida.

De pé,  
braços abertos,  
e alma leve,  
aos ancestrais,  
peço a *bença*.

Com fé no peito  
e sonhos no olhar,  
na mata, adentro.

Folha a folha,  
peço licença  
e com paciência  
vou colhendo  
sapiência.

Das folhas colhidas,  
banho faço,  
o corpo lavo  
e, dele, renasço.

E renascida,

## Mulheres das Águas II

a cada banho de folhas,  
alimento minha crença  
e reforço a certeza  
na pertencença  
de cada ser  
ao ventre feminino  
da natureza.

## O mar em mim

O mar em mim  
é calma

O mar em mim  
é alma

O mar em mim  
é porto

O mar em mim  
é travessia

O mar em mim  
é cais

O mar em mim  
é caos

O mar em mim  
é voz

O mar em mim  
é luta

O mar em mim  
é lua

O mar em mim  
é sangue

## Mulheres das Águas II

O mar em mim  
é tempestade

O mar em mim  
é majestade

O mar em mim  
é palavra

O mar em mim  
é verso

O mar em mim  
é livre

O mar em mim  
é semente

O mar em mim  
é ventre.

É neste mar que há em mim  
que mergulho  
me afundo  
e viro mundo.

É neste mar que há em mim  
que me deixo levar  
me deixo perder  
me deixo encontrar.  
O mar que há em mim  
é caminho sem fim

**THAIS ALESSANDRA**



## Águas que transpiram dos nossos corpos ancestrais

As águas de Gaia, minha mãe terra,  
correm dentro de nós,  
descem do céu para limpar a terra, em todos os cantos.  
E, (pre)enchem os nossos rios para nós.  
As águas de Gaia, enchem os oceanos  
e também percorrem por nossos corpos ancestrais,  
denunciando abusos que traficaram navios negreiros da África  
para nós,  
denunciando abusos ao transpirem dos nossos corpos  
ancestrais,  
denunciando abusos que também saíram das bacias do rio  
Negro e Xingu, devastando a crença indígena, os ensinamentos  
dos mais velhos e ancestrais,  
denunciando abusos dos garimpos ilegais, trazendo resíduos do  
mercúrio para nós.  
As águas que percorrem em nossos corpos são ancestrais!  
Essas águas resistiram ao tempo, e atravessaram mares e rios  
de dores em nós.  
Essas águas escorreram de nossos poros, encheram os nossos  
olhos e denunciaram a marca de onde viemos, delataram a  
nossa identidade e foram aprisionadas pelos nossos  
colonizadores.  
E, por mais que se tente fluir como as correntezas de um rio,  
essas águas não conseguem sair com liberdade.  
Águas que dão vida a nossos corpos ancestrais!



**VALÉRIA BARBOSA DA SILVA**



## Encontro das águas

Assim chegaram as águas, salgadas  
no pranto seco.

A dor que corria o peito desaguou no olhar focado.  
Assim inundaram as águas até escorrer por entre os lábios.  
Em suspiros umedecidos retiraram qualquer sentido  
E se fizeram pranto sofrido num peito então calado.

Assim, fez o riacho a correr por sob as pedras  
sem entender se aquela seria sua última saída.  
E nas águas adocicadas procurou a mais salgada e afogou sua  
vida.  
E no encontro do rio com o mar, onde um sendo o amante e o  
outro o encantador,  
desistiram de ser par e nas águas se misturarem.

Partiram! Cada qual para o seu destino, sem endereço ou  
registro.  
Um na praia deu um grito e o outro no rio chorou.  
E suas águas em ondas se moveram,  
foram procurando a magia e lá na cachoeira pararam,  
Sem esperar um alento aqueceram-se e com o vento e  
subiram, evaporaram num beijo molhado.

De lá das mais altas paisagens miraram na terra suas vitalidades  
E em chuva se transformaram num gozo pleno em amor.  
Daí retornaram ao centro da sustentação do intento

Onde umedecer dá o sabor se uniram quais amantes em um momento operante  
Chuva, rio e o mar. A relação triangulou e em água potável se transformou.

## Mãe do ori do mundo

Nas águas ela se banhou, nas águas o seu berço é luz.

Nas águas os corais, os peixes, estrelas e conchas estão a brilhar.

Nas águas onde ela reina, Mãe do ori do mundo, rainha lemanjá.  
Num pingo d'água há muito axé, num grão de areia há tamanha luz.

Na vibração da mamãe da vida a minha cabeça veio coroar  
me escolheu para ser sua filha, com carinho afirmo sou de lemanjá!

Sou de lemanjá meu ori já foi beijado,

com a água benta do sal do grande mar.

lemanjá me dá ação na vida e coletiva no mundo o meu caminhar.

Odojá, Yemanjá, Dandalunda, Marabó, Inaiê, Sereia, Janaína,  
jorrando o seu amor.

Vou me banhar na água abençoada, não tem barreiras na minha estrada.

## Mulher das águas

Sou a mulher das águas, das águas chocas do medo,  
das águas salinas do paladar.

Pras águas da lama eu cedo e desaguio nas águas adocicadas ou  
nas salgadas do alto mar.

Sou a mulher das águas, do temporal, das águas em lamaçal,  
das águas pingando saliva, das águas chorando sofrida.

Encharcada nas águas da vida e sangrando nas das feridas.

Seca nas barreiras, nadando no dia a dia.

Sou água levada em prantos pela ventania.

Molhada em felicidade, rindo da roupa molhada, correndo,  
fugindo da cachoeira metálica nas ruas do poder que teima me  
lambuzar nas poças de lama.

Sou eu a mulher das águas, caminhando no temporal

Sou das águas sagradas, da chuva benta, da lama deliciosa, da  
água encanada pelo tempo.

Eu sou a mulher das águas. Alma lavada sem medo de ser feliz.

Vivendo nas águas, sendo água sou fogo a ferver, a evaporar a  
água do céu.

Por conta da terrestre agonia, de me enxarcar, na dor das  
enchentes dos dias.

## Oxum Apará

Oraieiê Oxum, a fonte não secou e nunca vai secar  
Na fonte de água clara quem brilha?  
É a Oxum Apará - Oraieiê ó! É a Oxum Apará!  
É guerreira, amorosa, justa e tem muito axé.  
É tão linda e vaidosa, tem o charme de mulher.  
Orixá do ventre bento, traz crianças pra brilhar.  
E a mãe das águas doces!  
É rainha, é laba!  
A fonte não secou e nunca vai secar  
Na fonte de água clara quem brilha  
É a Oxum Apará  
É a Oxum Ápara  
É o Orô cantando livre com sua pena a brilhar.  
Passarinho que embala a lalodê a trabalhar,  
na doçura de seus gestos com o mel a nos nutrir.  
Seu ifá está aberto, e só tem o bem por vir.  
A fonte não secou e nunca vai secar!  
Na fonte de água clara quem brilha?  
É a Oxum Apará!  
É a Oxum Apara!



**PARTE II**

**MERGULHOS NOS CONTOS  
E CRÔNICAS**





## ANA CÉLIA DA SILVA

### Uma mulher pequena



Era conhecida como Maria Pequena, porque o seu único tio materno de nome Vicente que a criou, tinha uma filha apelidada de Maria Grande e para diferenciar eram assim chamadas.

Ela dizia que seu tio Vicente era “Cabo Verde”, tinha uma pele bem preta e cabelos lisos e contava que ele foi obrigado a casar com a filha do fazendeiro que tinha “saído de casa” com um forasteiro. Maria Grande era o resultado desse feito.

Maria Pequena era pequena mesmo, um metro e meio de altura. forte, testa larga, cabelos ralos e ondulados. Sua mãe era filha de uma indígena com um africano e o seu pai era filho de português. Quando ela cresceu ele a levou para morar na sua fazenda. Um dia sua mãe a foi visitar e a encontrou suja, vestida com trapos, tomando conta das irmãs paternas brancas.

D. Laurinda, esse era o nome da sua mãe, gritou com toda dor acumulada no coração e na vida:

- “Pegue as suas coisas Maria Pequena e saia pra fora, que fia minha não vai ser escrava de ninguém.

Maria Pequena voltou para a casa com a mãe, para a labuta diária de pegar pau de arara e ir para as fazendas colher café para ganhar mal ganhado o pão de cada dia. Ela contava que muitas vezes rolava ladeira abaixo com o balaio de apanhar café.

Elas viviam em uma região muito seca do sertão da Bahia. Chovia pouco, não havia açudes, só fontes. Só havia açudes nas fazendas dos patrões e na época da estiagem não havia água

nem para beber. Maria Pequena e sua mãe saíam de madrugada com outras mulheres com grandes cabaças para encher de água. Mas a água não era retirada dos rios, que há muito secaram. Elas tiravam água do gravatá, uma planta comum nas regiões secas. Abriam os caules com canivetes e tiravam a água armazenada para beber. Nesses tempos de estiagem o povo saía de madrugada em procissões pedindo para chover e quando a chuva vinha faziam festas nas praças e terreiros. A água era desejada como, como se deseja o ar que se respira e saudada na sua vinda em forma de chuva, como se saúda as donas das águas nos terreiros, com agradecimentos e festas.

D. Laurinda recebia encantados e um dia um deles se manifestou, pegou um frango que ia passando, torceu o pescoço, bebeu um pouco do sangue e deu um pouco a ela e fez cinco cruzeiros nela com o sangue, na testa, nos pulsos, no peito e nas costas. Ela dizia que ele falava uma língua que ela não entendia e cantava também.

Muito tempo depois já casada, uma das filhas recebeu um encantado e ele começou a falar em uma língua que ela não entendia e ela disse, "era ele que vinha em minha mãe".

Um certo dia uma mulher disse a D. Laurinda que vinha vindo muito doente, "você precisa fazer o santo" e a levou para a cidade, para conversar com uma mulher sua conhecida. Ela voltou para casa muito triste, porque não tinha o dinheiro para fazer o santo. Ela adoeceu de uma doença que inchava muito e morreu ainda jovem, com quarenta e poucos anos.

Maria Pequena ficou só no mundo e foi viver com o tio Vicente. Quando ficou moça foi trabalhar em uma fazenda. Ela fazia de tudo, tirava leite das vacas, ajudava na cozinha, servia o almoço aos vaqueiros que chegavam com as boiadas. Aprendeu a fazer feijão com verdura, a salgar carne verde e a fazer chouriço e tomava banho no açude da fazenda. Ela dizia que gostava muito dessa vida na fazenda.

## Mulheres das Águas II

Seus patrões eram italianos. Um certo dia eles vieram morar na cidade, em Salvador e a trouxeram com eles. Vieram morar no Santo Antônio Além do Carmo em uma casa na rua principal onde passavam os bondes.

Todo dia um senhor muito guapo passava dirigindo o bonde. Era um preto sarará, alto e de olhos cor de violeta. Se olharam, se encantaram e se casaram na igreja de Santo Antônio Além do Carmo. Ele trouxe quatro filhos, três do primeiro casamento e o mais velho, de uma ligação de amor. Este foi suicidado, as duas irmãs tiveram filhos, a mais velha uma menina e a do meio seis. O rapaz caçula dos três estudou e se formou em Geografia. Partiu cedo para a outra dimensão seguido da irmã de muitos filhos. A mais velha ainda vive bem aqui.

Do casamento com Maria Pequena nasceram oito filhos. Uma foi embora com dois anos, outra com trinta anos. Ela não cansava de repetir “uma mãe não devia enterrar seus filhos, não é certo”.

Seu marido partiu cedo e muito de repente, vitimado por uma dívida de pão que não pode pagar, deixando a filha mais velha encarregada de ajudar a mãe a criar os cinco menores.

Mas ela deu conta.

Maria Pequena viveu muito, alegre e divertida. Viajou, passeou até o seu falecimento já bastante idosa. Seus filhos e filhas conseguiram estabilidade econômica e deram a ela uma vida confortável, um bom viver. Ela contava muitas histórias para os filhos, a noite antes de dormir. Dizia muitos provérbios. Suas conversas eram entremeadas com provérbios. Quando os filhos brigavam e faziam desordens ela dizia, “a sua batata está assando”. Quando as filhas mulheres pediam para sair com as amigas ela dizia “puta só, ladrão só”. Se os desgostos e imprevistos se acumulavam ela dizia “além de queda coice” e “atrás das pedras correm os apedrejados e todos os cacos de Vidros”.

Esses últimos provérbios são precursores do que hoje a academia chama de interseccionalidade. Disse isso a uma pesquisadora da temática, mas ela não entendeu os dois exemplos concretos do conceito.

Ela teve a sorte de não ver o caçula e o mais velho morrerem no mesmo ano, logo depois dela. Foram embora um após o outro, em janeiro, abril e dezembro de um ano qualquer.

Maria Pequena uma mulher afro/Indo/lusa, mãe de oito filhos, quatro enteados, uma neta e três bisnetos pelo coração, cinco netos/as e quatro bisnetos/as dos seus filhos, foi uma grande mulher.

**ANA PAULA REIS DA  
CONCEIÇÃO VASCONCELOS**



**Águas do meu pai Jacy**

Enquanto eu e meus irmãos Adriana e Felipe aguardávamos ansiosos a chegada do papai Jacy, lá no portão de casa, meu coração ansiava e saltava de alegria, uma expectativa grande pelo passeio que a gente faria naquele lindo e precioso dia de verão.

Meu pai foi embora de casa quando eu tinha 2 anos, e todos os fins de semana ele voltava para nos levar para passear.

Naquele dia, eu já tinha 08 anos.

Papai Jacy havia prometido nos levar para passear nas águas da praia ou de algum clube de piscinas.

Mas que nada, papai nos levou para rua, e ficou fazendo vários passeios de carro, mas nada que fizesse os nossos olhos serem iluminados de alegria.

Depois de algumas horas, ele falou que retornaria para casa e nos deixaria, pois teria um outro compromisso naquele mesmo dia.

Quanta tristeza e melancolia! Desanimados, abatidos, cabisbaixos eu e meus irmãos ficamos nos sentindo derrotados.

A indagação estava fixada em nosso olhar.

Cadê as águas que ele falou que iríamos mergulhar???

Eu olhava tão triste para minha doce irmã Adriana e para meu irmão Felipe, hoje uma estrela no céu a brilhar.

Papai Jacy falou: - Vamos voltar para casa

Que dó dos meus irmãos!

Que dó do meu coração!

Não fomos no clube, não fomos na praia! Não vimos as águas, só voltamos para casa.

Vocês não imaginam o que aconteceu!

Senta, que eu vou contar, vocês não vão acreditar!

Ao retornamos para casa, uma linda piscina de fibra de vidro, daquelas que se encaixa no chão, estava instalada no nosso quintal sendo cheia de águas cristalinas. Eu chego a me recordar do meu olhar de menina, deslumbrada com aquela cena de cinema ao apreciar aquele evento sideral. Uma piscina de rico, bem dentro do meu quintal.

Quem era o papai? Era um engenheiro químico, funcionário da Petrobrás e professor da banca de engenharia da UFRJ, um dos diretores do Instituto de Macromoléculas da UFRJ.

Abrimos o portão de casa e foi aquela doce surpresa, no nosso humilde quintal de terra, aquela grande beleza de piscina de fibra lgui.

Meu pai foi um dos criadores desse modelo de piscina, que se tornou um objeto de muito valor no mundo inteiro.

Aquela lagoa azul, bem diante dos meus olhos, reluzindo naquele sol de meio dia e nos trazendo tanta alegria, misturados com euforia e ao mesmo tempo um delírio de querer mergulhar.

Mas papai nos sinalizou para aguardar a piscina ser completamente cheia para depois podermos entrar...

Que aflição!

Que judiação deixar 3 pobres negrinhos aflitos de tanta vontade de mergulhar naquele piscinão ...

Parecíamos bifes na frigideira, fritando ao sol.

Depois de algumas horas, chegou a nossa redenção, Papai gritou bem alegre, já podem vestir o calção e entrar na piscina de chão.

Então...

Sabe o que parecia de verdade?

## Mulheres das Águas II

Hoje dentro da minha realidade, parecia o batismo no Rio Jordão.

Que alegria, que emoção, que maravilha de águas cristalinas, límpidas e brilhantes que diante de um sol escaldante parecia um lindo diamante.

Que verão inesquecível!

Que mergulho nas águas incrível!

Era um pulo daqui ...

Um tibum dali...

Um escorrega de lá...

Um empurrava o outro de cá, um afogava o outro, um puxava o outro.

Inventamos uma brincadeira: Tubarão Jacy, senhor das águas, e vencia a brincadeira quem pegava no pé do molengão, pois tínhamos que nadar forte e em círculos para escapar.

Que tempo mágico foi esse, que aprendi o poder das águas seu poder de trazer tanta felicidade e prazer!

**ANA VIRGÍNIA PINHEIRO**



## **A bruxa das águas**

*Para minha avó, Téo.*

Minha avó era chamada de bruxa pelas crianças da minha rua, quando eu também era criança. Acho que era porque, além de benzeduras com ervas de estranhos cheiros, fazia remédios para moléstias infantis, com preparados amargos, a pedido de mães chorosas e cheias de fé.

Ela era pequenina, de formas arredondadas, pernas e braços finos, olhos e mãos enormes, tinha o cabelo juba, cinzento, que ela partia ao meio, trançava e prendia atrás da cabeça, com pente travessa marrom. Sempre teve a velhice dos sábios – seu espírito era antigo, milenar. Acho que a chamavam de bruxa por tudo isso e porque ela fumava cachimbo.

Com a ponta dos dedos, ela socava um fumo levemente úmido no forninho do cachimbo, riscava o fósforo, acendia e esfumaçava tudo. Era um ritual. A fumarada a obrigava a cuspir, de tempos em tempos, num penico estrategicamente colocado, de modo que pudesse acertar o cuspe mirado e atirado. Eu, criança, ficava encantada com o tiro – líquido e certo.

Minha avó nasceu e viveu com a mãe, *in natura*, pelas matas e rios de um Amazonas profundo. Ela lembrava e contava sobre plantas, bichos e gente diferente, com lóbulos de orelhas e beiços flácidos. Era filha de um português que, um dia, “subiu o rio num barco pequeno e nunca mais voltou”. Falava, também,



## Mulheres das Águas II

de um irmão, um exímio nadador, como se ele não fosse humano, como se fosse líquido.

Menina ainda, foi levada para Belém do Pará, por alguém que ela não sabia quem, num momento em que ela só lembrava que não tinha mais mãe nem irmão. Foi trabalhar na casa de um médico bondoso. A família do médico mudou para o Rio de Janeiro e minha avó era parte da bagagem – cozinheira, arrumadeira, lavadeira, passadeira, faxineira, jardineira, todos os dias, toda hora, todo tempo. Até que ela saiu dessa situação de “bondade” e foi lavar as roupas dos outros por conta própria.

Eu me lembro dela entre grandes bacias de alumínio, sob os fachos de sol da manhã, que iluminavam cenicamente o corredor de acesso aos cômodos em que morávamos. As roupas ficavam imersas numa água azulada de anil. Ela trocava a água e torcia as peças, que estendia, orvalhadas, para quasar, no capim crescido da mata do outro lado da rua – acho que era por isso que o capim crescia. Depois, as peças voltavam para a bacia com água morninha e, enxaguadas e engomadas com amido, eram penduradas em varais de arame, a céu aberto, que eram erguidos e esticados por um caule de bambu.

Lembro as roupas cortinando ao sol do meio-dia, pingando água no chão que eu pisava descalça e sentia, como sinto agora, as poças sob meus pés... Lembro os lençóis branquinhos voejando, secos, presos por pregadores de madeira e de minha avó recolhendo e dobrando as roupas, solenemente.

Eu me lembro dela junto à tábua de passar, com o ferro a brasas crepitando e uma toalhinha branca, afundada numa cuia com água, que ela usava para umedecer, vincar e passar; umedecer, esticar e passar; umedecer e passar. Minha avó passava roupas contando estórias de plantas, bichos e gente diferente. Parecia falar sozinha. Chegava a gesticular. No final, ela embrulhava a pilha de roupas passadas e dobradas, num lençol branquinho, e prendia com um alfinete grande. No dia

seguinte, cedinho, levava aquela trouxa na cabeça, até a casa do cliente, em algum lugar que ficou no passado.

Sempre me lembro de minha avó com as mãos mergulhadas em água, com os dedos pingando água.

Minha avó era uma bruxa das águas. Fazia mágica com elas. Fazia o sujo ficar limpo.

Não me lembro dela bebendo água. Sempre achei que não precisava, que toda a água estava nela. E era tanta, que ela cuspiam fartamente a que se sujava com o fumo do cachimbo.

Quando minha avó partiu, aos 98 anos, ela dormia. E os vivos que ficaram não acreditaram que a dona daquele rosto suado não abriria mais os olhos. Na época, eu não imaginava o mundo sem ela.

E ainda hoje, passados mais de 30 anos, eu lembro e choro. Sinto minha avó escorrendo pelo meu rosto, sendo absorvida pelos meus poros, num fluxo desaguado e contínuo de lembranças inesquecíveis.

Parece que a bruxa sabia mesmo o segredo da vida eterna. E ela me ensinou o tempo todo. Mas, só agora, com água nos olhos e o espírito embebido em memórias, eu consegui compreender e desvelar o segredo: minha avó está viva em mim, líquida e certa, enquanto eu me lembrar dela. E eu lembro, eu lembro!

E lembrando, plena de suas águas, falo comigo mesma, chego a gesticular, e me afirmo como sou porque sou, sim: eu me sinto ela – fluida, antiga, milenar.

## AUGUSTA DOS SANTOS

### Menina dos olhos de Apolo



Quando Bintu nasceu o sol derreteu de paixão, sua beleza enfeitiçou o astro-rei, ele prometeu e jurou protegê-la, amar e cuidar dessa alma linda com corpo de azeviche. A pretinha nasceu abençoada, ela encantou o sol e todos os astros, a lua se envaideceu com tal semelhança:

\_ Bintu \_ teu nome tua fama, \_ como sono lindas.

Assim a pretinha crescia. Sua casa rodeada de encantados - visíveis e invisíveis a todos ela agraciava com seu sorriso. Cantava com os pássaros, saltitava nos braços do vento e imitava a maestria das árvores.

O sol atravessa a rotação com pressa só para amanhecer e encontrar a menina de seus olhos, saliente procurava as frestas só para ver a intimidade de sua amada, ainda menina resistia aos seus encantos e escondia o rosto entre os dedos; o sol sorria e provocava para ouvir ela dizer:

\_ Oh! Sol deixa eu dormir só mais um pouquinho.

Então ele se escondia entre as nuvens e a pretinha molengava no cochilo.

Bintu cresceu e a intimidade entre ela e o sol brilhava, ele decretou: \_ todos os dias, enquanto minha amada e eu cruzarmos as fronteiras para o ato de amar, vocês terão que fazer reverencia, cantar jubilo e entoar essa canção: \_ não há no infinito amor tão bonito como o do astro-rei por Bintu a preta

com tom de azeviche. Os planetas obedeciam alegre, feliz e contente.

Um dia Bintu despertou para os sonhos, as fantasias e a rebeldia; ajeitou-se e partiu para a cidade que ficava no outro lado dos encantos. Lá entre prédios, arranha-céus, asfaltos, marginais por toda via ela vivia; escondida igual empilhadeira de gente amontoada na própria sorte.

O sol perdeu a liberdade, já não podia mais invadir a intimidade, procurar os atalhos e espiar sua amada acordar. Ela já não cantava a canção de bom-dia, só corria pra lá e pra cá com malas, sacolas, pacotes, tralhas não percebia a presença do sol impondo seu reinado.

Enciumado, cansado de pedi atenção decretou mal querência; Bintu adoeceu, perdeu o viço pela vida e amarelou. Sua cor desbotou seu cabelo esfarelou, sem vida e arrependida Bintu se olhava do espelho e dizia:

\_ Cadê eu?

Um banzo preenchia a distância entre ela e Apolo, era uma choradeira que dava dó; as mães, as avós, tias, madrinhas, irmãs e companheiras \_ as mulheres do templo se compadeceram, rogaram às Yabas compaixão por ela e por todas, entoaram orikis que aprenderam com as mais velhas. Oya ventou a quizila para distante, com a dor aquebrantada, cantaram para Bintu a canção que Mãe África entoa para seus rebentos.

Era triste de se ver. O casal apaixonado, separados sei lá por que? Doentes de tristeza de mal sem bem-querer. E o coração partido de amor, uma saudade que não tem fim, uma carência que mata os pouquinhos. De tanto chorar e por tanto amar as lágrimas de Bintu foram colhidas e recolhida no útero de Gaia, a natureza regou, rasgou as entranhas da mãe e uma fonte cristalina nasceu; um raio de esperança, como lembrança escorreu, Bintu e Apolo admirados, encantados viram suas imagens refletidas, ela e ele almas do mesmo ser.

## Mulheres das Águas II

Foi aí que os astros, numa atitude de compaixão, se uniram na mesma missão, raptar Bintu e devolver à sua origem: \_ como pode deixar nosso rei morrer amíngua, sofrendo de amor partido de dor.

A Lua enfeitiçou Bintu, o vento a embalou com seu sopro, a terra coberta de energia fluía na direção da magia, estrelas e planetas sacudiam para balançar, equilibrar e mantrar para o amor reinar. Juntos, encaminharam Bintu na direção de seu amado:

\_ Oh! Que felicidade.

O sol sorriu, regou ela com sua energia, sua cor brilhou seu cabelo se rebelou, cresceu pra cima igual uma árvore frondosa. Ali mesmo fizeram amor, o mundo foi testemunha, até Deus espiou. Muitas crias, todas pretinhas iguais a mãe rei e rainhas herança de pai. Gaia os acolheu, amou e criou os filhos teus.

Bintu, rainha do Sol abençoa todo dia as pretinhas para que nunca, nunquinha sofram de dor, racismo e falta de amor.

## CHRIS JONES



### Nossa vó, minha vó...

De manhã, todos da rua nítidos no portão, e eu em pensamento distraída, mas, à espera de uma chuvinha que vinha cheia, essa dava muitas lembranças; uma chuvinha entrelaçada com o cheiro de café vazio saindo da cozinha. Então, nossa vó ia andando toda mole, manso, e em perigos encostada, que se notava. É que o caminho de Aruanda começa sempre encantado. Mesmo assim, enquanto aquela aflição um pouco apertava, eu às vezes nem conseguia chorar, e ficava sufocada.

Ah, mas eu não queria chorar ainda não; eu queria era entender porque aquela chuva era tão formosa: deixava a Tatajuba mais bonita... Umedecendo as lágrimas de todos e de tudo. Diziam que toda aquela gente esperando parecia um enorme congá enfeitado pelos lírios que Oxum colhia. Aí eu sorria, comigo meio mesma. Era um presente; e o carinho deles acontecendo lá onde a Maré se escondia...

E eu ali no meio. Já era a rua, sentindo uma tristeza contente, um calor de amor em segredo. Tive medo da saudade que ainda estava chegando, que mais parecia uma coisinha de medo caindo em meu coração - e adivinhando que nada mais adiantava. O carro chegando, os meninos da rua empurrando para pegar a partida. Nossa vó entrou, e sentou, se foi, de repente.

Depois ela nunca ia voltar?

## Mulheres das Águas II

Mas a chuvinha vinha beirando a rua, fazendo cachoeirinha descendo a calçada, para não se esquecer do encanto das águas que vieram tomar de volta a minha esperança. Se a gente se virava, via lá na esquina, um riachinho que se formava e pedia licença de ir espiar uma despedida de minha vida toda.

E era julho, os restos de chuva começando a ensopar os guarda-chuvas, chuvinha com cheiro de vó, chovendo de se permanecer chuviscando para sempre. A rua da casa da nossa vó ainda era atrás do rio, que dava para olhar da janela: o rio se estendendo na chuva, que ia ficando mais parecido com algum tempo de felicidade entrescondido no tempo.

Eu fui descobrir ali, eu mesma. Eu nunca podia querer esquecer. Eu permaneci alegre e não entendia. Ia ficando mais entusiasmada na tristeza. Eu me doía e me encantava. Eram um montão de sentimentos demais dentro de mim; uma saudade abandonada de tudo.

De novo, a chuva sumia sumindo sem pressa.

Voavam, porém, vindo mesmo de Aruanda, levando embora as almas para um outro lugar mais bonito, as primeiras andorinhas depois da chuva. Sim, as andorinhas, sim, tão miudinhas no ar - num instante só, indo buscar minha vó... Pronto. Era quando os rios de Oxum encontravam as águas da rua alagada da casa da nossa vó.

**DILMA BARROZO**



## **De águas, pontes e vida**

De repente, uma chuva de pingos espaçados e grossos. Daqui de cima, não sinto cheiro de terra molhada, mas o imagino e respiro. Vejo árvores balançando e ouço o assobio do vento, que sempre me inebria. Através dele, a memória voa e vai a lugares queridos e a outros sonhados, mas ainda não trilhados.

As coisas da infância vêm e vão, algumas maravilhosas, outras nem tanto e também as pavorosas que, nostalgicamente, se apossam do meu coração. Desço para a praia, tiro toda a minha roupa, sou uma mulher das águas e receber a um só tempo as que vêm do céu, imersa nas águas salgadas do mar é o encontro perfeito das forças renovadoras da natureza, que se aliam ao vento de lansã. Foram dias de expectativa, sem que eu mesma pudesse ser o sujeito de uma história que é minha. Saio nadando, em louvação! Salve a rainha das águas salgadas, Odoyá, Yemanjá! Sua bênção, Nossa Senhora da Conceição! Olho para as águas do céu, me ungindo, obrigada Oxumarê! Valei-me, São Bartolomeu!

A sensação, durante o período de isolamento é a de que estávamos perdendo vida dia a dia, não pela iminência da morte, mas por nos serem roubados momentos preciosos com os que amamos. Perdemos muitos abraços, beijos e afeto! Refletir sobre isso é uma necessidade. Criar e relembrar histórias é vital. Revisitá-las, pousar o olhar sobre o ontem é se redescobrir em coisas simples e tão sublimes.



## Mulheres das Águas II

Me vejo nas águas, cercada por mulheres da família, as que me ensinaram a amar e respeitar as águas!

Não sei se é para ficar feliz, mas há pinceladas de felicidade no que sinto. Estou na água, sou da água! Ela me permite um resgate de mim mesma e me prepara para a retomada das relações, dos afetos, das minhas mais íntimas verdades, dos sonhos e reais prioridades. E é a imaginação que me ajuda a me superar e manter o ritmo das braçadas. É o que não mais existe que me impele a seguir e valida a esperança que me nutre. Minha mãe, tias, irmãs e primas nadam comigo, todas estão vivas e felizes. Gosto de imaginar cenas que, embora inventadas, legitimam minha existência e a minha história.

Penso nas águas e as vejo como pontes, que podem ser pinguelas nas quais os desumanos, sem importância, os que pouco valem molham apenas os pés, para não se purificarem.

Eu, não!! Quero as águas ancestrais, suas pontes fortes, as minhas travessias, onde me entrego e integro por inteiro. São elas que me permitem caminhar com segurança e ousadia. São essas as águas que persigo, é nelas que me banho e é delas que me valho no renovo da esperança e da vida.

**FÁTIMA SOARES**

## **Cidade água, vidas quase secas**



Recife, planície à beira mar, cortada por dois grandes rios, com uma estação chuvosa anual bem-marcada. Cercada por altos e áreas sujeitas a alagamentos. Três ilhas ligadas por pontes, nos cartões portais a Veneza Brasileira. A aridez da vida das mulheres dos altos não estampa guias turísticos, mas o cuidado, o respeito á água é cultura imaterial do povo da periferia.

*A lavadeira se levanta com aurora. O cheiro de café e charque frita com cebola acorda a menina. Arruma as sacolas: bananas, farofa com charque. Sabão, anil, goma. Trouxa na cabeça, rumar para o Beberibe. No caminho outras lavadeiras se juntam. Marias, Zefinhas, Ritas, Dolores... Para as crianças, dia de lavar roupa é passeio, seguem aos saltos por trilhas arborizadas, respirando aroma do mato e o frescor da manhã. Antecipam o prazer da brincadeira na água, lhes parecem curtos os quilômetros entre suas casas nos altos e a margem do rio. Esquecem que é dia de banho bem esfregado, dia de ensaboar e desembaraçar cabelos, matar piolhos... As mulheres conversam, cantam e trabalham, umas lavam as roupas da família, outras a sujeira das patroas. O almoço é na sombra das mangueiras que, na safra, oferecem a doçura, mangas maduras para a sobremesa. À tarde, o sol inclinado para oeste, roupas enxutas, amarrar as trouxas e marchar para de volta para os altos, para seus mocambos sem torneiras. Corpos cansados, mãos ressecadas.*

## Mulheres das Águas II

Nos bairros ricos, casarões com farturas. Chuveiros, piscinas, torneiras... Abastecimento regular de água tratada e canais para escoamento das águas servida e pluviais, há um século pelo menos.

Pobres, pretos, pretas empurrados para os altos, córregos e palafitas, onde deslizamento de barreiras, seca e alagamentos anualmente se repetem. A vida se organiza de acordo com o sol, a chuva, a proximidade dos rios, as habilidades de quem habita esse lugar. Abriram cacimbas, engendraram calhas, abriam valetas de escoamento para o tempo de enchorradadas, cavavam fossas para os dejetos. Plantaram fruteiras, hortas, flores, ervas, amassaram o barro para as construções de taipa. Criaram galinhas, porcos, pescaram, siris, mariscos. Carregaram água. E lavaram roupas de ganho...

*A menina caminha gingando, lata na cabeça. A lata acompanha o movimento do corpo, joga um pouco de água a capa passo, ensopa o vestido. A menina não sente o trabalho como sacrifício, gosta de se molhar, se diverte e pensa na moeda que vai receber. Antecipa o prazer de comprar chicletes...*

A população cresceu, as cacimbas foram contaminadas pelas fossas, a água perdeu qualidade, ficou salobra, imprópria para beber, cozinhar, lavar os cabelos e mesmo lavar roupas. O Rio Beberibe sendo poluído pelos despejos das indústrias e garagens de ônibus que se implantaram as suas margens, também por lixo e esgotos domésticos. Instalou-se a dependência da água do chafariz do Estado. Andar, enfrentar a fila, subir ladeira com latas d'água na cabeça.

*A mãe prepara o banho do neném. A água é fervida e descansa. Morna, vai para bacia nova. Acrescenta um pouco de álcool para matar algum micróbio que escapou da fervura. Gotas de perfume, Seiva de Alfazema, sabonete infantil... A menina mais velha, ao redor, perguntando aprendendo.*

*A mãe explica: ele é novinho, se não for bem cuidado adocece e morre. Quando você era novinha eu fazia do mesmo jeito... A*

*menina escuta com a sabedoria de seus cinco anos, sem inveja ou ciúmes, experimenta a ternura. Vai aproveitar a água com o cheirinho de neném para o seu próprio banho. - Xixi do nenezinho não é sujo. Banha-se em pé na bacia maior. A água que escorre do seu corpo serve para lavar a calcinha. E por fim, será descarga na latrina.*

Não desperdice água. Feche torneira enquanto escova os dentes. Feche o chuveiro enquanto massageia os cabelos com cremes. Não lave calçada nem carro com água tratada. Lições necessárias para gente privilegiada.

*Passa da meia noite, um grupinho de mulheres sentadas na escadaria, atocaiam a água. Hoje é dia, vai chegar, falam que chegou lá embaixo no fim da tarde. Quando povo de baixo terminar o serviço, encher os reservatórios, fechar as torneiras, água ganha pressão para subir. Não se pode dormir, não se pode perder a oportunidade de encher os tanques, tonéis, caixas. Não se pode acumular mais roupas sujas. É preciso limpar a casa, molhar as plantas que sobrevivem aos quinze dias de torneiras secas. Quando começar a pingar maridos, filhas, filhos serão sacudidos das camas. Esquecem a lei do silêncio, o movimento acorda as casas vizinhas que não participaram da tocaia. Será uma madrugada inteira de trabalho...*

Nos altos a educação ambiental não se separa de luta comunitária. As mulheres pobres, pretas são mestras em economia da água. Formam-se com trabalho duro. Muita ciência para manter casa limpa, criar e educar crianças. Não é fácil mandar crianças para a escola, diariamente, banhadas, roupas limpas. Enquanto as faturas da companhia de abastecimento chegam a cada mês, pontualmente.

Recife, cidade de chuvas e rios, de água e outras riquezas usurpadas. Nos altos vidas que resistem a seca forjada.

## **IVONETE PEREIRA TAVARES**



### **Eva, mulher do mar**

Num vilarejo pequeno nada passava despercebido e o assunto do momento era Eva. O povo achava estranho o comportamento daquela mulher preta, magra, alta descendente de humanos escravizados. Era Eva maluca?

Numa de manhã de sol, céu límpido e azul sem nuvens lá vinha Eva com seu cesto na cabeça.

Um grupo de mulheres riu e debochou de Eva, que discretamente sorriu e disse sem se abalar:

- Se vocês quiserem saber, aonde vou e só me seguir.

Mas, Alzira, mulher preta, sensível e inteligente, sentiu algo diferente naquele sorriso e resolveu seguir com Eva. Ambas caminharam em direção as praias do lado sul, subiram morro, desceram morro, Eva caminhava de pés descalços para manter contato com a areia da praia, o barro do morro e a grama do solo.

Chegando na praia destinada ao ritual, Eva afirmou para Alzira que estava feliz por ter entendido o seu chamado.

Eva, então explicou:

- Nessa praia desembarcaram muitos de nossos irmãos. No século XIX, a nosso território serviu de ponto de engorda. Depois de mais de trinta dias de travessia no Oceano Atlântico, não resistiam aos maus tratados, alguns morriam e seus corpos eram jogados no mar. Os que sobreviviam fizeram o mesmo caminho que nós fizemos, mas em direção a uma senzala.

Em busca do outro lado, a África e no vai e vem das ondas suaves do mar, Eva rodopiou e dançou com seu vestindo azul, jogou flores brancas na água e cantou:

-Sou mulher do mar, um dia nossos irmãos vou encontrar.

Finalizando o ritual, Eva contou que aprendeu com sua mãe que por sua vez aprendeu com a minha avó.

- Como não tenho filhos, quero passar o bastão para você. Quando homenageamos os nossos, somos considerados malucas, por não conhecerem a nossa história.

Alzira entendeu e emocionada prontamente aceitou a responsabilidade de homenagear aos que ali pereceram.

Então, conte e ensine para aquele grupo de mulheres e ao povo, que somos descendentes de pessoas livres, que foram sequestrados como escravizados para trabalhos forçados em terras brasileiras. Nós mulheres pretas como símbolos de resistência devemos manter a tradição, a história, a memória para futuras gerações.

## **NAGILA OLIVEIRA DOS SANTOS**



### **Meu rebento atravessou o orun**

Ah, meu primeiro rebento atravessou o orun e chegou em meus braços trazendo o barulho das águas!

Chuá, chuá, chuaaaaá ...

Não eram os ruídos das águas do ribeirão de quando eu era menina. Aquelas formavam uma bonita sinfonia com as vozes das meninas-mulheres a bater os brancos lençóis nas pedras e a entoar as cantigas de trabalho.

Ah, meu primeiro rebento fez a água explodir de dentro de mim e misturar-se com as da correnteza em constante movimento.

Chuá, chuá, chuaaaaá ...

Não eram os movimentos das águas do ribeirão de quando eu era menina. Aquelas formavam redemoinhos criados pela alegria das brincadeiras infantis sob o olhar cuidadoso das mães-lavadeiras e de Mamãe Oxum.

Ah, meu primeiro rebento ao nascer sorriu para mim e eu vi faíscas no céu!

Chuá, chuá, chuaaaaá ....

Não eram as faíscas das lâminas que se cruzavam no bailar das danças no terreiro quando eu menina sonhava em entrar na ciranda dos mais velhos que rodopiavam com a graça, força e sabedoria da guerreira lansã.

Eu menina-mulher agora estou distante das minhas, na cidade grande, local em que a fúria das águas está represada pelos imensos baobás de concreto.

Chué, chuá, chuaaaaá ....

Aqui não encontrei cantos coletivos de trabalho, mas a solidão do quarto de empregada e posteriormente do *campus* universitário.

Não encontrei os movimentos das saias deixados por minhas ancestrais nas noites de lua. Mas o vai e vem dos trens rumo à periferia.

Não encontrei os brilhos das estrelas, do colorido dos maracatus e de outras folias negras. Mas as luzes dos carros, dos semáforos, dos pássaros de chumbo e dos raios que dividiam o orun naquela noite enchuarada de trânsito engarrafado.

Ah, meu primeiro rebento teve pressa, não teve medo e chegou junto com a enchente, dentro do ônibus da linha Central x Caxias.

Janaína, mulher negra, estudante de medicina era o nome de uma das passageiras que me acudia.

Chué, chuá, chuaaaaá ....



## Batismo

Pisando na grossa areia da praia, o caminhar traz as memórias, quando a procissão da Rainha do Mar era um dos momentos mais esperados pelos pescadores e marisqueiras.

Nesta época, havia apenas o meu terreiro, de Mãe Janaína, próximo à Praia da Laranjeira e a igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, esta, um pouco mais distante e para as bandas da Praia do Cemitério.

Os fiéis se encontravam no antigo poço da vila de pescadores e o brilho azul das contas dos fiéis de Iemanjá se misturava com a delicadeza das fitinhas e lenços também azuis dos fiéis de Nossa Senhora dos Navegantes.

Era lindo de viver a alvorada com queima de fogos, os barcos enfeitados com bandeirinhas brancas e azuis, os balaios que se avolumavam repletos de rosas, palmas, angélicas, crisântemos todas brancas, além dos espelhos e outras oferendas.

Meu coração se encheu de saudades, mas este ano, já estava decidido, seria o primeiro de muitos, sem a procissão da Rainha do Mar.

Havíamos trocado o ruído dos fogos, das ladainhas e dos pontos riscados pela guitarra e pelos louvores em outras línguas que não o iorubá.

Uma brisa tocou o meu rosto e com ela senti o antigo perfume de alfazema que se espalhava neste dia e com o qual minha mãe banhava cuidadosamente cada um dos filhos e a nossa própria casa com a proteção da Rainha.

Lembrei-me também dos banhos, do descarrego e das curas trazidas pelas águas de cheiro do terreiro.

Mas eu, Janaína, aos 65 anos, viúva e que fui ialorixá no terreiro, havia me tornado, nos quatro últimos anos, uma

fervorosa missionária do reino de Deus e agora tínhamos água e óleo unguídos contra os inimigos.

Nossa vila foi perdendo muita gente nos últimos quatro anos, inclusive o meu amado Tião. Um tempo de morte de diabetes, coração, pneumonia, desilusão, desgosto e covid-19.

Acordo alguns dias achando que, ou não temos fé suficiente em nossos propósitos ou a partida de nossos orixás da vila quebrou o canal de comunicação com o sagrado.

Às vezes me pego pensando que Tião morreu de tristeza, paixão, depois que silenciámos os atabaques. Era ogã desde menino.

Outras vezes lembro da revelação trazida pelo pastor de que teríamos quatro anos de grande abundância pois um servo chegaria ao poder e Deus estaria acima de todas as coisas.

Mas, nestes quatro anos, nosso posto fechou com a partida do médico cubano e somente com a chegada da pandemia passamos a ter a presença de um profissional da saúde, uma agente para as vacinas.

Do resto ainda temos que viajar de balsa até a cidade, mas Deus vem cuidando daqueles que oram, como diz o nosso pastor.

Alguns homens resolveram partir e largar a pesca, que deixava de ser tradição entre os mais jovens. Seria uma partida temporária, mas o tempo e a miséria, lá fora fizeram com que esquecessem também mulheres e filhos.

Nossas mulheres também não viam mais no marisco a fonte de sobrevivência e muitas só retornavam nos finais de semana das casas das patroas na cidade.

Tínhamos também perdido alguns de nossos meninos para o cárcere.

Assim, as visitas constantes dos pastores que traziam água, óleo e sementes santas, folhetos e carnês de dízimos se juntaram ao esperarçar das famílias.

## Mulheres das Águas II

A última missa na igreja, que estava caindo aos pedaços e interditada, tinha sido a cinco anos atrás.

O antigo barracão do terreiro havia sido desfeito e agora aguardava as doações para a construção do templo evangélico.

Hoje deveria ser dia de festa em nossa pequena vila. A última família (éramos 40 ao todo), com a prisão do filho mais novo, acabara de se converter e enfim seriam os seis membros batizados. Seria também o primeiro batismo feito por mim enquanto missionária e marcaria a entrega total da nossa vila de pescadores ao Senhor Jesus.

Como uma afronta ao que percebia enquanto maligno, o pastor havia escolhido a data de 2 de fevereiro, dia em que até o ano passado saía a nossa procissão à Rainha do Mar. A escolha do mar também foi uma forma de expurgar a idolatria, segundo o pastor.

Meus pensamentos se dissipam com a insistência das obreiras a chamarem o meu nome:

- Missionária Janaína, vamos?

Piso firme na areia e caminho até a beira do mar e inicio as orações e uma força suprema se apossa de mim ao ver o reflexo do meu rosto nas águas do mar.

As palmas descompassadas das obreiras mudam de ritmo, tornando-se mais cadenciadas e vivas. A alegria retornava para a nossa vila.

Nossas irmãs e irmãos estão em círculo formando uma grande ciranda sagrada. A fé cresce novamente em nossa vila.

Nossa moradora mais velha, minha mãe, se junta a grande ciranda trazendo em seu corpo a sabedoria da colônia de alfazema.

Nosso morador mais novo, meu bisneto, se junta a grande ciranda trazendo o seu atabaque não mais silenciado.

Recuperamos a comunicação com o sagrado.

As obreiras, cujo Espírito Santo se manifestava a revelar mistérios sobre os casais da vila, entram em transe sobre o olhar incrédulo do pastor da cidade.

As palmas se aceleram, os louvores viram pontos, outros atabaques são trazidos, as túnicas brancas do batismo se agitam num antigo ritmo que acreditávamos esquecido.

Eu Janaína, ex-missionária e novamente ialorixá, entro no mar, ergo os braços, saúdo a nossa Mãe Rainha, lemanjá: Odoyá!

## PITUKA NIROBE

### As flores, Quirino!



Quirino um pobre pescador vivia numa na comunidade quilombola. Suas únicas companheiras eram uma canoa herdada do pai e uma gaita de prata doada por seu avô quando ele tinha um pouco mais de sete anos de idade. Todas as madrugadas por volta das quatro horas da manhã, ele colocava na canoa a rede de pesca, o balaio de palha, a garrafa térmica com café, a sacola de pano com broas de milho e a gaita de prata que levava no bolso da calça surrada. Como rotina Quirino lançava sua rede ao mar e enquanto aguardava pacientemente os peixes caírem na rede, tomava seu café e na gaita tocava músicas suaves e inebriantes. Mesmo quando o mar não estava para peixes, o pescador chegava a casa com peixe suficiente para seu sustento e para algumas famílias que trocavam o pescado por alguma coisa que ele necessitasse. Esta era a simples vida que Quirino desfrutava, até aquele dia amaldiçoado.

Foi numa madrugada de inverno à neblina estava muito forte e o mar mais crespo do que o normal, Quirino resmungou:

- É mau presságio. Alguma coisa o destino está arquitetando, será o meu? Ai que desconjuro três vezes. Que me salve e me proteja minha mãe rainha do mar.

Embora desconfiado, mas acreditando na proteção divina, o pescador saiu pro mar. Lançou a rede sentou no fundo da canoa tomou o café, pegou a gaita e iniciou uma melodia, parecia que ele estava solicitando ao mar que serenasse as ondas de modo não virar a canoa, e por algum tempo o mar lhe atendeu. Quirino

aproveitou o momento para recolher a rede abarrotada de peixes, mas uma rajada forte de vento encrespou o mar e ondas enormes engoliram a canoa e o pescador, levando-os para o fundo do mar.

Quirino em sua fé suplicou a rainha do mar que lhe poupasse a vida, desejava viver mais um pouco, queria conhecer o amor, experimentar uma vida a dois, quanto mais fundo ele descia mais fé ele depositava na rainha do mar, dizendo:

- Minha mãe! Não me deixe morrer assim.

E foi afundando até perder o sentido. Após a tempestade os pescadores saíram à procura do amigo desaparecido, primeiro correram por todas as praias do quilombo, depois cada pescador saiu em sua canoa procurando-o pelas ilhotas dos arredores. José gritou eufórico:

- Encontrei a canoa, está inteira embora avariada, mas nem sinal de Quirino.

A busca continuou o sol já brilhava alto no céu, os pescadores já estavam aceitando que o mar havia tragado de vez o amigo Quirino. Luiz o pescador mais velho da equipe definiu:

- Vamos até a ilhota do Adeus, ainda não passamos por lá.

Ufa acreditem, finalmente encontraram Quirino meio morto meio vivo, enalhado na Praia do Adeus, assim como acontece com as baleias quando estão para morrer. Dias depois restabelecido do susto Quirino colheu na ribanceira perto da cachoeira, flores azuis e margaridas brancas prendeu-as com um lindo laçarote de fita branca e seguiu rumo ao terreiro do quilombo a fim de agradecer a sua mãe, a rainha do mar, por ter poupado sua vida e aos pés de lemanjá depositou as flores. Ao som do toque do atabaque anunciando o início da sessão de descarrego, o pescador sentiu um calor envolvendo todo seu corpo e ouviu uma voz que sussurrou ao seu ouvido:

- Tenho um presente para você. Vá pegá-lo na procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, leve flores brancas.

## Mulheres das Águas II

Quirino surpreso perguntou:

- Devo entregar as flores a Nossa Senhora?

Recebeu um silêncio como resposta. O pescador voltou pra casa intrigado com o ocorrido, mas deu de ombro e voltou a sua vida de sempre.

Meses depois, um pesadelo o fez acordar gritando:

- Vixe Nossa Senhora dos Navegantes, é hoje seu dia!

De um pulo levantou-se da cama e no desespero para chegar à procissão saiu numa correria esquecendo-se do principal, mas a voz soa aos berros em seu ouvido:

- As flores Quirino!

O pescador fica imóvel, lentamente olha para os quatro cantos da estradinha de terra batida, procurando a dona da voz, a mesma que falara com ele meses atrás lá no terreiro. Sem perder tempo Quirino corre até a ribanceira e colhe as mais belas flores brancas e com uma fita de seda branca faz um laço bem vistoso.

Havia uma multidão de religiosos à porta da igreja, Quirino pensou:

- Nossa quanta gente?

De fato. Além dos quilombolas e comunidades vizinhas, tinha gente de lugares mais distantes. O pescador precisava chegar até a santa para depositar aos seus pés as flores. A procissão saiu pelas ruas levando consigo a multidão de fiéis. Quirino não seguiu a procissão e escolheu o melhor banco da igreja bem em frente ao pedestal da Santa, sentado entregou-se aos pensamentos, não percebeu quando uma mulher sentou-se ao seu lado. Educadamente ela disse:

- Lindas flores são para a Santa?

Quirino volta à realidade e meio confuso responde com a cabeça afirmativamente. Quando percebe a beleza da mulher o pescador pergunta:

- Por que não seguiu a procissão?

A mulher respondeu, que uma voz a mandou entregar na Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes o objeto encontrado na beira da praia. Quirino arregalou os olhos e com uma voz trêmula perguntou:

- Mulher! Pelas forças das águas doces e salgadas, o que foi que você encontrou na praia?

A mulher retira da bolsa de palha a gaita de prata. Os pescadores adentram a igreja carregando a Santa em seu andor, a mulher e Quirino de olhos fixos acompanham o movimento. O pescador sussurrando quase como uma oração:

- Será que é obra do destino ou é um plano da minha mãe a rainha das águas?

A Santa é colocada no pedestal, a mulher olha para o pescador e diz:

- Me chamo Maria da Graça, entregando-o a gaita de prata.

-Muito prazer eu sou Quirino! \_ e com um gesto romântico entrega-lhe as flores.

Desde aquele dia abençoado já se vão quase três décadas Quirino e Maria da Graça vivem uma vida simples repleta de amor, e todos os anos no dia 02 de fevereiro durante o dia acompanham a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, à noite festejam no terreiro do quilombo o aniversário de Iemanjá, a rainha do mar.



## **ROZANA NASCIMENTO**

### **Azul da cor do céu**



No meio da roda de ciranda, à beira do mar, Rosinha gira, rodopiando com seu vestido azul da cor do mar, como ela mesma dizia. Sua mãe, organizava a ciranda, todo mês, durante a lua cheia, desde que a menina nasceu, numa noite de lua cheia, na areia da praia, durante um luau.

Rosinha gira confiante no auge dos seus cinco anos, quando sente algo em sua boca. Cospo intrigada, e vê cair seu primeiro dente de leite, que ficou ali mesmo, enterrado na areia. Ela sorri, e continua a dançar junto com a mãe e as outras mulheres marisqueiras.

O tempo passa rápido para quem vive do mar. A vida difícil era aplacada pelos cuidados da mãe que, muitas vezes, trazia os olhos marejados, ao ver os dedinhos cortados da criança, com a árdua tarefa de catar mariscos.

Certo dia, Rosinha estava na praia, quando sentiu escorrer em suas coxas um suor mais quente, espesso, que deixou em sua mão uma nódoa escarlate. Naquele instante, sentiu-se eclodir como uma pérola no interior de uma concha. Feliz, mergulhou nas águas salgadas.

Três anos depois, na véspera do aniversário de 15 anos de Rosinha, sua mãe desencarnou, vítima de tétano, decorrente de um corte na perna enquanto trabalhava.

Rosinha contou com o apoio da vizinhança e de Chiquinho, amigo de infância. Seguiu a lida da mãe de quem herdara, além da determinação, a alegria pela vida, daí porque resolveu

manter a roda de ciranda sempre que a lua cheia bordasse o céu.

Numa noite enluarada, após uma dessas rodas de ciranda, Rosinha ficou com o amigo Chico, admirando o mar. Enebriados com o cenário, do qual faziam parte, os dois amigos se entregaram ao amor, unindo seus corpos num só, dando mais vida à cena. E a menina se fez mulher, fazendo nascer, também, um homem.

Maria Rosa completava 18 anos quando nasceu Estela Maris, a sua filha com Francisco. Era a “estrela do mar” que chegava para alegrar do jovem casal.

A vida corria veloz. Rosa acompanhava os primeiros passos da filha. Em alto-mar, Francisco pescava com o pai. A pescaria é interrompida por uma forte tempestade. Na chuva intensa, a noite escura se fez mais turva. O barco foi tragado pelas ondas... eles não mais voltaram.

A dor consumiu o brilho dos olhos de Maria Rosa. Dessa vez, ela não teve forças para retomar a roda de ciranda. Os dias passavam lentos... na filha encontrava sua única razão para viver. Resistia...

Numa segunda-feira de verão, já passava muito do meio-dia, e Rosa, depois de horas catando marisco, parou para descansar à sombra de um coqueiro. Ali ficou vendo a filha brincar na areia, catando conchinhas.

A praia estava deserta. O sol brilhando no céu. Rosa é vencida pelo cansaço. Dá um breve cochilo e, desperta sobressaltada: Estela brinca na areia. Distante, Rosa vê o vulto de um homem que se aproxima. Ela volta-se para o mar. A criança está muito próxima do mar! E o mar... o mar está diferente! Rosa grita. Corre em direção à filha. Consegue alcançá-la, mas é derrubada pela onda, que é seguida de outra maior... Rosa luta contra as ondas. O mar é mais forte. Cansada, ela desfalece.

## Mulheres das Águas II

Ao recobrar os sentidos, na areia, Rosa vê o mar. Ao seu lado, a filha lhe sorri. Num misto de dor e alegria ela abraça a filha. Um gesto tão intenso, que ela demora a perceber que mais alguém lhe abraça o corpo trêmulo. Rosa olha, e reconhece aquele vulto: Francisco! Na sua mente, imagens distorcidas: Estela, a mãe, o pai que não conhecera, Francisco... o mar. O mar onde nascera; o mar que amava; o mar lhe devolvera Francisco; o mar não lhe levara Estela; o mar azul, azul da cor do céu... o céu!

A lua desponta no horizonte beijando o mar, que beija a areia, que beija...

**VIVIANE PENHA**

## **O grito de uma mãe preta num dia de conselho de classe**



Ser mãe preta é gritar, um grito decorado desde quando descobrimos a vida pulsar no ventre:

-Não! Este não! Este é o meu filho, o meu menino, o meu precioso!

E perceber que o meu é apenas mais um entre inúmeros meninos pretos que vibram ao sol enquanto correm para o mar e para o tão sonhado mergulho nas bandas da zona sul. Mas nossos corpos não são queridos, tolerados e aceitos nas bandas de lá. Por aqui ele é o menino da mamãe, a razão do orgulho do papai, a alegria e o folego de vida da vovó, por aqui... Por aqui nossa pele vibra, fala, brilha e conversa intimamente com a luz solar, já que energias parecidas se reconhecem ao longe. Porém lá, do lado de lá, nossa cor de pele chega apenas como uma ameaça ao cristalino mar. Por quê? Por quê? Se aqui, logo ali no Terreiro da Vovó Quitéria aprendemos desde cedo que lemanjá é negra, mãe e protetora de todos os Oris. Porque não podemos ir lá na casa da mamãe que aqui nos acolhe num abraço quente e curador nas noites iluminadas do Xirê?

Sim, seria apenas mais um dia de verão na cidade maravilhosa, se maravilhosas fossem todas as mentes presentes na praia que além de tolerar também os quase 40 graus que nos derretem, tolerassem também a ideia de que somos iguais e merecemos respeito. Respeito como aquele que

## Mulheres das Águas II

aprendemos a oferecer para todos que recebemos nos momentos que antecedem os primeiros toques do atabaque e que já abriga de forma silenciosa a nossa querida senhora Janaína que por aqui é negra, gorda, acolhedora e traz consigo os segredos e o axé da nossa ancestralidade e que nada se parece com a lemanjá do lado de lá, branca, de cabelos lisos, pequenos seios e me arrisco em dizer coração pequeno também. Porque mãe que é mãe, primeiro enxerga o sorriso, o brilho no olhar, o coração dos seus filhos e não a cor da sua pele, que por contrastar com a alva areia, apresenta ameaça a praia que foi tomada por aqueles que não querem nossos corpos pretos do lado de lá, do outro lado do túnel que no final nos presenteia com a escuridão daqueles que ainda não conhecem a outra versão da história. A história de um povo que foi arrancado das suas origens sem o direito de expressar a ideia de que se o sol nasce para todos e a imensidão do mar banha o mundo inteiro sem distinção de cor ou raça. O mar só não tem espaço para a sujeira e o lixo que o racismo produz.

Parem! Apenas parem e soltem o meu menino! Ele não está correndo na contramão da vida, ele não faz parte deste arrastão. Ele apenas quer sentir o sal, sentir o sol, sentir o abraço que a lemanjá prometeu dar em sua casa em agradecimento ao seu respeito, adoração e a sua força quando está em terra. Meu menino não merece ser arrastado tão cedo por este sistema assassino e cruel, que faz questão de não nos deixar sermos encaixotados apenas pelas ondas do mar.

Sigam! Sigam rápido em direção daqueles corpos brancos que começaram toda esta confusão, atrapalhando nosso domingo de paz e que passeiam livremente, quase camuflados por possuírem a cor da areia que agora recebem meus joelhos dobrados, nervosos e que clamam por justiça fazendo valer a presença do rei das pedreiras. A sábia rainha do mar sabe que é preciso clamar por Maleime já que a justiça dos homens

fechou seus olhos há muitos anos quando os primeiros navios começaram a ser carregados com o nosso povo.

Bradei! Bradei com a força do Rei de Oyó ao ver meu menino ser suspenso por aqueles que ainda muito lembram os capitães do mato e condenam todos que possuem a intensidade da melanina e traços parecidos com os seus, mas que o ofício os obriga a esquecer.

E ali já quase sem forças, vendo meu menino espernear sufocado por uma sentença que já estava escrita desde o seu nascimento percebi que seria ela que iria nos salvar. Com a infinita força que faz morada em nosso útero e desperta sempre que precisamos salvar nossas crias, seja de um joelho ralado ou uma bala achada, mamãe Obá me ergueu, me refez e empunhou a sua espada que naquele momento se materializou na forma da identidade civil do meu filho que é seu escudo desde o seu nascimento.

Aplaudam! Aplaudam a sensatez do defensor da “segurança pública” que desta vez conseguiu ouvir a voz da razão, ou quem sabe de vovó Nanã, e devolveu o meu menino assustado, chorando e aliviado ao perceber que esta batalha nós vencemos. A batalha de hoje sim! A de amanhã iremos enfrentar com a força de Ogum e a precisão de Oxóssi, mas hoje só queríamos mesmo voltar a celebrar a vida na beira da praia, porque Mariazinha já nos aguardava impacientemente para nos brindar com muita areia.

Professora! Professora! Estamos aguardando a sua opinião. E foi assim que retornei para a companhia dos meus colegas, lembrando que eu estava em mais um daqueles conselhos de classe que nos encorajam a gritar como uma mãe preta. Sim, seria necessário mais uma vez abaixar o tom de voz para citar a Lei 10.639/03 e incansavelmente explicar que é fundamental incluir a cultura afro-brasileira para que crianças como o meu filho não precisem mais passar por episódios que relembrei ao ouvir a seguinte pergunta:

## Mulheres das Águas II

- Professora seu final de semana foi tranquilo?

Como se possível fosse ter tranquilidade e paz sendo uma mãe preta no Brasil, sabendo que a batalha de hoje seria a de convencer que Orixá não é demônio, Exu nos ama e precisam estar presentes no Projeto Anual Escolar.





# **SOBRE AS AUTORAS E AUTORES**



**ANA CÉLIA:** Baiana de Salvador. Sou professora licenciada e bacharel em Pedagogia, Mestre e doutora em Educação. Lecionei no Anísio Teixeira de 70 a 90 e trabalhei na UNEB na graduação e pós-graduação. Publiquei os seguintes livros: *A discriminação do negro nos livros didáticos*, *Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático* e *Representação social do negro no livro didático: o que mudou?* Escrevi a minha biografia literária que está na sua segunda edição, *Retrospectiva de uma ação afirmativa precursora à Lei 10.639*. Minha autobiografia está no prelo para ser lançada até julho. Estou escrevendo algumas crônicas e um livro infantil. Sou militante do MNU desde 1978 e estou nesta luta por direitos para todos, todas e todes. Minha pesquisa trabalha com reconstrução da autoestima da população negra e tem por bases os livros de língua portuguesa das séries iniciais da Educação Básica.

**ANA PAULA REIS DA CONCEIÇÃO VASCONCELOS:** Carioca, bacharel em Direito, pós-graduada em História da África e Psicanálise. Conferencista internacional em Direitos Sociais, supervisora da Promotoria do idoso e da pessoa portadora de deficiência do Estado do Rio de Janeiro. Aposentada, líder e ativista do Movimento Evangélico Negras contra o Feminicídio e Racismo Estrutural nas Igrejas. Presidente da Fundação Luz e Nações e membro do Coletivo Circularidade e Ancestralidade.

**ANA VIRGINIA PINHEIRO:** É Bibliotecária, especialista em Administração de Projetos Culturais e Mestre em Administração Pública. Foi Bibliotecária da Fundação Biblioteca Nacional por 38 anos (1982-2020), sendo 16 como Chefe e Curadora das Obras Raras. É Professora adjunta da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO, desde 1987. Integra grupos de pesquisa e dedica-se ao estudo, à difusão e à avaliação do livro raro.

**ANDREIA SILVA:** formada em Letras pela PUC Minas, pós-graduada em Educação e Relações Étnico-raciais pela UFMG. Professora por formação, apaixonada por arte e literatura, atuo em biblioteca escolar da rede municipal de Belo Horizonte desde 2005. Nos momentos com os alunos na biblioteca, procuro direcionar o meu trabalho no sentido de ampliar o olhar para as relações étnico-raciais, para a história de resistência dos povos africanos e para o fortalecimento da autoestima das crianças negras. Encantada pelo poder da leitura e da poesia em minha vida, durante o período da pandemia fui visitada pelo dom da poesia e ela tornou-se minha companheira e terapeuta, chamo de escritoterapia que alivia.

**AUGUSTA SANTO:** Contista com participação nas coletâneas: *Cadernos Negros*, *O livro das Marias III*, *Vozes das margens* editora Alpheratz, *Ontologia do cotidiano* - editora Ecorcecci e pela Editora Terra dos Ventos filho solo para abril de 2022.

**BENEDITA LOPES:** Mulher negra de pai e mãe de origem negra-afro-ameríndia, amante e respeitadora das palavras ela habita em quilombos literários como *Cadernos Negros – Quilombhoje* e outras antologias.

**CECÍLIA PEIXOTO:** Natural de Salvador/BA. Mulher negra, mãe, Educadora da Rede Pública do Estado da Bahia e aposentada da rede privada, licenciada em Pedagogia (Com Habilitação em administração Escolar), Bacharel em Direito e Ciências Contábeis. Publicações em mais de 20 Coletâneas, entre as quais: *Mulher Poesia – antologia poética* Volumes de 1 ao 5. *Antologia poética internacional*, volumes: II, III, IV,V. Coletânea *Artista e Poeta* (Brasil/Itália). Coletânea *Escrituras Negras I e II*. Coletânea *Livro das Maria II e III*. Coletânea *Ecos do Nordeste*. *Cadernos Negros 43*. *Antologia Poética Poesis, Mulheres das Águas I e Escrituras Negras III: as pretas também amam*.

## Mulheres das Águas II

**CHRIS JONES:** É especialista em Literaturas Africanas pela UFRJ, graduado em letras - português/latim pela UFRJ, graduando em letras - português/literaturas pela UFRJ, escritor de contos e poesias, pesquisador das literaturas africanas e afro-brasileiras, membro do grupo de estudos e pesquisas Escritas do corpo feminino da Faculdade de Letras da UFRJ, escritor de contos e poesias.

**DILMA BARROZO:** É poeta e escritora, de Campo Grande, RJ. Professora, pedagoga e mediadora de leitura. Se define como uma mulher de palavra, bem ao jeito de seu pai e imbatível na esperança, tal qual sua mãe. Já participou de mais de 50 antologias e é autora de *Consentimento e Temporal*, livros de poesias.

**EDY JUSTINO:** Professora, escritora e poetisa paraibana e feminista. Membro da AILB e da AILM. Autora de contos e poemas. Apresentadora e prefaciadora de obras literárias. Participou de alguns concursos literários. E é integrante de alguns coletivos de mulheres. Mestre em Letras pela UFPB.

**ESMERALDA RIBEIRO:** Mulher negra paulistana. Jornalista, escritora e pesquisadora da literatura negra. Faz parte dos coletivos: “Quilombhoje Literatura” e “Flores de Baobá” (escritoras negras). Edita e escreve nos *Cadernos Negros*. Incentiva a escrita feminina na literatura. Além de *Cadernos Negros*, tem trabalhos publicados em antologias no exterior e no Brasil. Livros individuais: *Malungos e Milongas* (conto) e *Orukomi – meu nome* (infanto-juvenil) pelo Quilombhoje.

**FÁTIMA SOARES:** Escritora, pedagoga e arte-educadora de Recife. Atuou por 38 anos em escolas públicas e bibliotecas e atualmente está aposentada. Espalha livros pelas periferias, a partir do projeto *Livro Aberto – Sebo Itinerante*. Possui

publicações em livros solos e em diversas antologias literárias.

**IRACI GONÇALVES DE SOUZA:** Possui licenciatura em Normal Superior - Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). Pós-graduação lato-sensu em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade de Tecnologia de Valença (FACTIVA). É poeta e professora na Escola Municipal Laurentino Mastique, em Conceição do Almeida, Bahia.

**IVONETE PEREIRA TAVARES:** Natural da Ilha da Marambaia/RJ. Aposentada. Graduada em Arquivologia e Pedagogia. Atuou como arquivista na Bolsa de Valores/RJ, Museu Aeroespacial e ANAC. Ativista do MNU do RJ. Gosto de ler, pesquisar, escrever. Externo em narrativas carregadas de ancestralidades as histórias de minhas vivências. A literatura possibilita conhecer o mundo em que habito. Participação nas coletâneas *Mulheres reais, Construtora do bem e contos africanos: Volume II, Literafrica*.

**LILIA MANHÃES:** Tenho 23 anos e sou nascida e criada em Macaé/RJ. Sou mulher preta, poeta, filha, irmã, estudante de Administração na Universidade Federal Fluminense e sonhadora. Digo que a poesia me salva a algum tempo e só ela sabe disso, além disso, ai de mim se sentimentos não coubessem em pedaços de papel.

**MARCINHA COSTA:** Baiana de Feira de Santana. Professora, atriz, especialista e mestra em Estudos literários com ênfase em literatura africana de língua portuguesa/ moçambicana (UEFS). Possui participação em coletâneas.

**NÁGILA OLIVEIRA:** Criadora e editora da Revista África e Africanidades, professora e pesquisadora das áreas de educação para as relações étnico-raciais, história, cultura e literaturas africanas e afro-brasileiras. Cientista Social e mestre

## Mulheres das Águas II

em Educação, psicanalista e escritora. Coordenadora do CEAM Quissamã (RJ). Na área de literatura organizou os livros *Cadernos África e Africanidades 1: Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras* (2009), *Okumana: vozes e olhares sobre a literatura moçambicana* (2019), *Mulheres das Águas I* (2021), *Mulheres das Ervas I* (2022), coletânea ganhadora da primeira edição do Prêmio Escritas pretas: reconhecimento literário da ABL Pretas e Originárias (2022), *Ngangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana* (2021). Participou de diversas antologias.

**PITUKA NIROBE:** Criadora da Akipalô Empreendimentos Culturais, contadora de histórias, escritora, atriz, diretora artística de produção e técnica de espetáculos e gestora de projetos. Participa de diversas coletâneas e tem diversos livros na área de literatura infanto-juvenil.

**RAQUEL DE CASTRO:** Carioca, de pais alagoanos. O gosto por poesia veio desde a infância. Formada em Letras, Mestre e Doutora em Ciência da Literatura. Professora da Educação Básica do Rio de Janeiro.

**ROZANA NASCIMENTO:** Natural da cidade de Camaragibe/PE. É professora, formada em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia e Direitos Humanos e mestranda em Políticas e Públicas. Adora literatura e, esse amor aos livros, lhe permite, neste momento, aventurar-se na magia da literatura.

**SOLANGE SANTANA:** É mestra em Ciência da Informação, bibliotecária, professora e poeta. Participa de diversas coletâneas.

**THAÍS ALESSANDRA:** Escritora, artista, artista de múltiplas linguagens e comunicóloga, bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Estácio de Sá de Belo Horizonte/MG, cineasta pela Escola de Cinema Livre de Belo

Horizonte/MG e Mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto/MG. Pesquisadora da palavra (per)formada. Premiada pela editora Trevo de São Paulo (2020), com a obra *Fragmentos de um Surto* (2012); Diretora do curta-documentário *Psuu... isso aqui tem graça!*, e do documentário *A casa da árvore* (2017). Participou a Bienal Black Brazil Art em 2020, e da Galeria Virtual BBA (Bienal Black Brazil Art) em 2021. Participou de diversas coletâneas literárias.

**VALÉRIA BARBOSA:** Valéria Barbosa, pedagoga, graduanda em Letras, 63 anos, 3 filhos, trabalhou durante 47 anos na Cidade de Deus Rio de Janeiro, com projetos socioculturais para crianças, idosos, jovens e suas famílias. É poetisa, compositora e cantora, 4 livros editados: *200 gritos por liberdade*; *Coração preso – Na cômoda da incomodada vida*; *Os grandes mestres guardiões da Cidade de Deus – fazedores de destinos* e *Guerreira*. Têm três álbuns musicais autorais, *África no Sangue*; *Caminhos Abertos*, *Axé* e *Oceano em Mim*. Gestora e Idealizadora do Sarau na Favela. Assinou no dia 9/6/2021 contrato com a firma Italiana La Matta TV do álbum *Oceano em Mim* desde então as suas músicas estão em diversas plataformas musicais do mundo.

**VIVIANE PENHA:** Mulher preta, filha, mãe, pedagoga e professora na Educação Infantil comprometida com práticas antirracistas na Educação Básica.

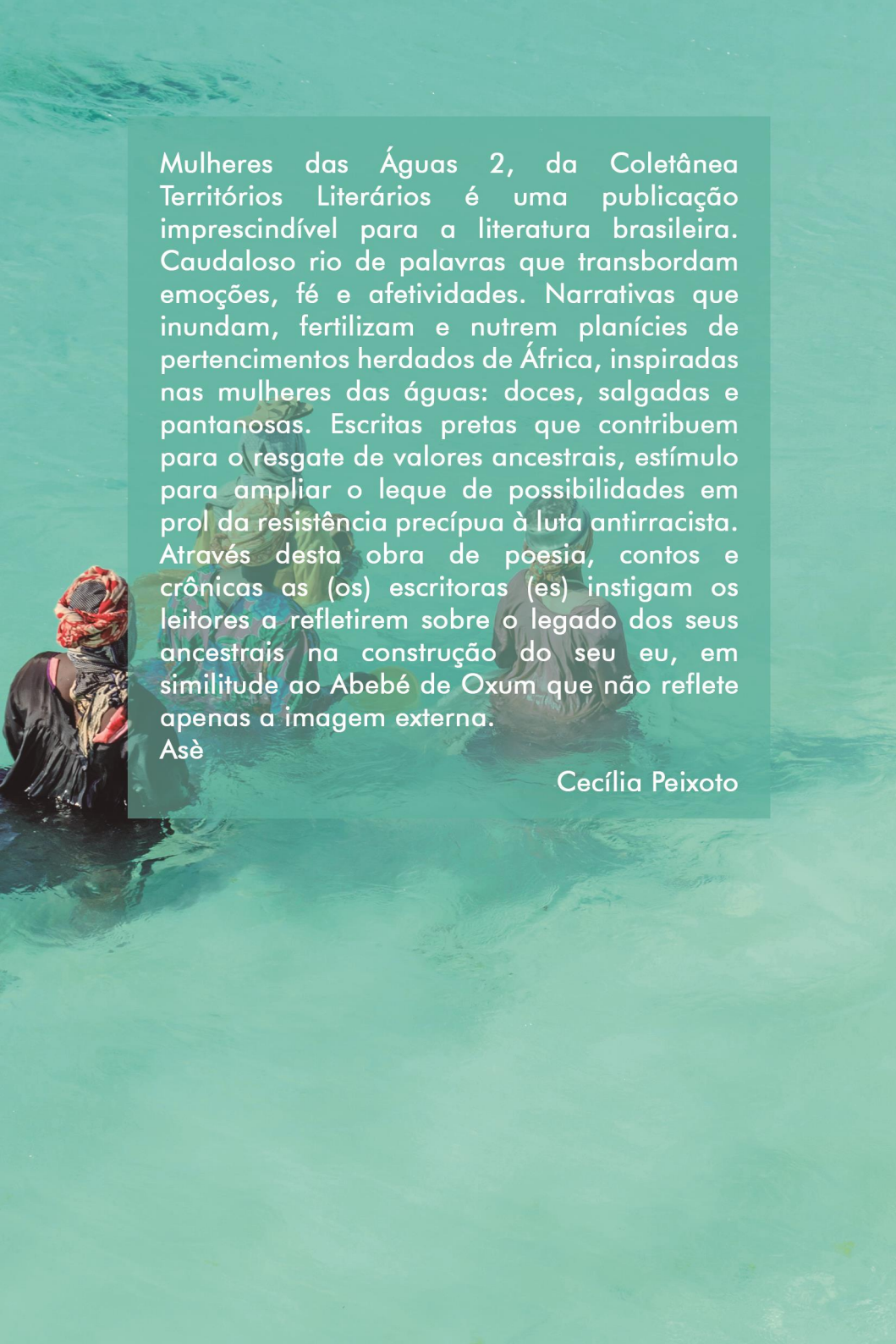
**YARA SEREIA:** Mulher negra retinta, indígena, mulherista candace, filha de Yansã, bruxa, filha de Camaçari, metrópole de Salvador, Bahia. Mulher com experiência transvestigênera. Atriz, bailarina, cantora, poetisa e gestora cultural pela UFBA. Além de ser artista ativista, escreveu o livro "Doces e Amargos", em fase de publicação. Atualmente participa de três coletivos: Frôceta (poesia de resistência feminina), Poecrática (poesia de resistência), criado para lançamento do livro "poéticas



## **Mulheres das Águas II**

combativas ao inominável” (BA) e CAC (Coletivo de Artes Cênicas Camaçariense), criado para montagem de espetáculos teatrais, musicais e de dança.





Mulheres das Águas 2, da Coletânea Territórios Literários é uma publicação imprescindível para a literatura brasileira. Caudaloso rio de palavras que transbordam emoções, fé e afetividades. Narrativas que inundam, fertilizam e nutrem planícies de pertencimentos herdados de África, inspiradas nas mulheres das águas: doces, salgadas e pantanosas. Escritas pretas que contribuem para o resgate de valores ancestrais, estímulo para ampliar o leque de possibilidades em prol da resistência precípua à luta antirracista. Através desta obra de poesia, contos e crônicas as (os) escritoras (es) instigam os leitores a refletirem sobre o legado dos seus ancestrais na construção do seu eu, em similitude ao Abebé de Oxum que não reflete apenas a imagem externa.

Asè

Cecília Peixoto